



Rui Miguel Gomes Duarte

Tradução Turística

Relatório de Estágio do 2º Ciclo em Tradução, especialização em Tradução de Português e uma Língua Estrangeira (Inglês), orientado pelo Prof. Doutor Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho, apresentado ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

Tradução Turística

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	Tradução Turística
Autor	Rui Miguel Gomes Duarte
Orientador	Prof. Doutor Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho
Júri	Presidente: Prof.^a Doutora Cornelia Plag Vogais: 1. Prof.^a Doutora Ana Paula Loureiro 2. Prof. Doutor Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho
Identificação do Curso	2º Ciclo em Tradução
Área científica	Tradução
Especialidade/Ramo	Tradução de Português e uma Língua Estrangeira (Inglês)
Data da defesa	12-7-2017
Classificação	16 valores

Fotografia de capa: Direção Geral do Património Cultural. Obtida em 16 de maio de 2017 de
Direção Geral do Património Cultural:
<http://www.patrimoniocultural.pt/static/data/cache/19/b2/19b2752364454561919e007a26337f7d.jpg>

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao Prof. Doutor Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho por ter aceitado ser meu Orientador, e também pelas orientações e ajuda ao longo de todo o processo de elaboração do meu Relatório Final. Gostaria também de agradecer à Prof. Doutora Cornelia Elisabeth Plag pela ajuda, direta e indireta, que me deu, quer ao longo do Mestrado, quer na elaboração deste Relatório. Agradeço também a todos os Docentes, quer da Licenciatura, quer do Mestrado, pois foram eles que despertaram o meu interesse e curiosidade para temas que, de outra forma, não conheceria.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer aos meus pais: foi graças às suas inúmeras oportunidades e apoio, que consegui estudar no Ensino Superior e chegar a este nível. Agradeço também à minha namorada, que sempre me apoiou e que é, para mim, um exemplo de dedicação.

Gostaria também de agradecer ao Gabinete de Turismo e Desenvolvimento da Câmara Municipal da Figueira da Foz por me ter aceite como Estagiário, à Dra. ^a Bárbara Ferreira e a todos os colegas.

Dirijo uma palavra especial a todos os colegas e amigos que me acompanharam nestes 5 anos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e em especial à minha colega Inês Xavier que me ajudou incansavelmente na parte técnica deste Relatório.

Resumo

Tradução Turística

Este relatório tem como objetivo dar a conhecer as tarefas que desempenhei enquanto tradutor estagiário no Gabinete de Turismo e Desenvolvimento da Câmara Municipal da Figueira da Foz.

A primeira parte deste relatório irá englobar a caracterização da entidade de acolhimento, estatísticas sobre o Turismo em Portugal, uma breve explicação sobre o que são textos de cariz turístico e o trabalho desenvolvido ao longo do estágio. Far-se-á também uma breve menção ao conceito de *translation* brief de Christiane Nord.

A segunda parte irá ser dedicada ao enquadramento crítico e teórico do meu trabalho, onde irão ser mencionadas as ideias e teorias dos autores que foram o pilar das minhas traduções. É também nesta parte do relatório que se mencionará a problemática da tradução para língua não-materna.

A terceira e última parte será dedicada à análise de alguns excertos textuais que mais problemas me deram ao longo do meu estágio.

Palavras-chave: Função Textual; Língua Não-Materna; Tradução; Problemas de Tradução; Turismo

Abstract

Touristic Translation

This report aims to make known the tasks I performed as a trainee translator in the Office of Tourism and Development of the Figueira da Foz City Council.

The first part of this report will include the characterization of the host organization, statistics on Tourism in Portugal, an explanation of what are tourist texts and the work developed throughout the internship, and a brief mention to Christiane Nord's translation brief.

The second part will be devoted to the critical and theoretical framework of my internship, where I will mention the ideas and theories of the authors that were the focus of my translations. It is also in this part of the report that the problem of non-mother tongue translation is mentioned.

The third and final part of this report will contain the analysis of some of the textual excerpts that have caused me issues during my internship.

Keywords: Text Function, Non-Mother Tongue; Translation; Translation Problems; Tourism.

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo	ii
Abstract.....	iii
Introdução	I
1. Funções Desempenhadas no Estágio	II
1.1. Entidade de Acolhimento	II
2. O Turismo em Portugal	IV
2.1 O Texto Turístico	V
2.1.1 A linguagem do texto turístico	VI
2.1.2. O Emissor e Recetor do Texto Turístico.....	VI
2.2. Trabalho Desenvolvido	VIII
2.2.1 Textos Turísticos da Figueira da Foz	VIII
2.2.2 Trabalho Desenvolvido	IX
2.2.3 memoQ	IX
2.2.4 Christiane Nord e a encomenda de tradução.....	X
3. Enquadramento crítico do trabalho desenvolvido	XII
3.1 Olena Skibitska	XII
3.2 Michael Cronin e a Globalização.....	XIV
3.3 O Funcionalismo na Tradução	XVI
4. Tradução para uma língua não-materna	XX
5. Casos Práticos	XXIV
5.1 A função de tradutor, a mediação linguística e as técnicas utilizadas XXVI	
5.2. Convenções seguidas	XXVII

5.2.1	Unidades de Medida	XXVIII
5.2.2	Abreviaturas.....	XXIX
5.2.3	Anos, Datas e Horas	XXIX
5.2.4	Coordenadas GPS.....	XXX
5.3	Mapa da Cidade	XXXI
5.3.1	Mapa da Cidade (Geral)	XXXI
5.3.2	Texto Gastronómico.....	XLII
5.4	Glossário.....	LVI
	Conclusão.....	LVIII
	Bibliografia	LXII
	Outros Recursos.....	LXIV

Introdução

Pretende-se com este relatório dar a conhecer o trabalho desenvolvido no âmbito do estágio curricular do Mestrado em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, efetuado no Gabinete de Turismo da Câmara Municipal da Figueira da Foz.

Começarei por fazer, na primeira secção do relatório, a apresentação da entidade onde estagiei e dos moldes em que este estágio se desenvolveu.

A segunda secção será dedicada ao Turismo e a uma breve menção aos números do Turismo em Portugal, onde identificarei muito sucintamente as zonas do país que mais contribuem para a área. Nesta secção figurará ainda uma menção ao tipo de texto com que trabalhei ao longo do meu estágio e também o trabalho desenvolvido ao longo do mesmo.

Na terceira secção mencionar-se-ão os autores e as teorias que guiaram o meu trabalho, e dos quais destaco Hans J. Vermeer e Katharina Reiss, nomeadamente a *Skopostheorie* de Hans J. Vermeer e a classificação textual de Katharina Reiss, que nortearam o trabalho que viria a desenvolver ao longo dos três meses do meu estágio.

A quarta secção dirá respeito à problemática da tradução para uma língua não-materna, na qual se referenciam alguns autores e as suas correntes de pensamento, e de que forma tais trabalhos afetaram, até certo ponto, o meu trabalho e a sua execução.

A quinta secção será a mais extensa e é nela que se expõem os casos práticos que mais problemas me deram. Mencionar-se-ão alguns excertos textuais e também a forma encontrada para ultrapassar esses mesmos problemas.

A sexta e última secção diz respeito à conclusão e irá focar-se nos aspetos positivos e negativos do meu estágio e no que poderá ser feito no futuro, pelos órgãos públicos e não só, para agilizar as tarefas dos tradutores estagiários.

1. Funções Desempenhadas no Estágio

1.1. Entidade de Acolhimento

A entidade responsável pelo Gabinete de Turismo e Desenvolvimento é a Câmara Municipal da Figueira da Foz (CMFF), órgão executivo do Município da Figueira da Foz e que, de acordo com a Lei n.º 75 de 2013, executa as competências que lhe foram consagradas.

A cidade da Figueira da Foz, sede de concelho com uma área de 378,21 km², situa-se na região centro de Portugal e na sub-região do Baixo Mondego, no distrito de Coimbra. Os limites administrativos da Câmara da Figueira da Foz comportam as 14 freguesias que fazem parte do concelho, a saber: Alhadas, Alqueidão, Bom Sucesso, Buarcos e São Julião, Ferreira-a-Nova, Lavos, Maiorca, Marinha das Ondas, Moinhos da Gândara, Paião, Quiaios, São Pedro, Tavarede e Vila Verde, e são delimitados a norte pelo município de Cantanhede, a leste por Montemor-o-Velho e Soure, a sul por Pombal e a oeste pelo Oceano Atlântico. O Rio Mondego é um traço geográfico incontornável da cidade, mas não podia deixar de mencionar também as várias e conhecidas lagoas da região: Vela, Braças, Salgueiros e Leirosa.

Escolhi fazer um estágio nesta entidade por três razões: a primeira porque penso ser mais prático e útil fazer um estágio na área da Tradução, visto que nos dá a conhecer a realidade da profissão, mas também porque nos dá a experiência e as ferramentas para mais tarde sermos bem-sucedidos na área; em segundo lugar, porque a Câmara Municipal da Figueira da Foz se localiza na minha área de residência e pude assim reduzir os custos de transporte e deslocação, e ainda de alimentação, entre outros; a terceira razão está ligada ao facto de ser uma área de tradução praticamente desconhecida para mim, e pude assim ter uma espécie de “começo a partir do zero” nesta aventura. Como não tinha conhecimentos específicos da área, ao longo dos três meses de estágio aprendi muitas coisas que me irão certamente ajudar no futuro.

O Gabinete de Turismo da Câmara da Figueira da Foz tem como finalidade dar a conhecer o programa turístico e artístico da cidade, e, num âmbito mais alargado e com

estreita relação com a entidade Turismo do Centro, dar a conhecer a cidade ao resto do país e o resto do país à cidade. Tanto o Gabinete de Turismo como a Câmara Municipal da Figueira da Foz não possuem quaisquer serviços de tradução e, quando assim o entendem, recorrem a empresas exteriores aos serviços do Município.

Concretamente em relação ao local de trabalho, estive instalado num gabinete pertencente à Vereadora da Cultura da Câmara da Figueira da Foz, Vereadora essa que é a supervisora da minha orientadora, Dr.^a Bárbara Ferreira. A Dra.^a Bárbara Ferreira ajudou-me no máximo das suas capacidades, e visto que a sua área de formação é a do Turismo e não a da Tradução, a ajuda prestada superou as minhas expectativas.

As dificuldades passaram, desde logo, pela falta de conhecimentos na área de Tradução por parte dos meus colegas do Gabinete de Turismo. De facto, os textos que traduzi, os textos que revi, ou até mesmo os textos que traduzi de raiz, foram trabalhados por empresas de tradução contratadas pela Câmara Municipal da Figueira da Foz. Algumas dessas traduções tinham deficiências notórias e necessitavam de um trabalho mais apurado: como por exemplo a falta de concordância entre segmentos, a mistura de Inglês Britânico com Inglês Americano, entre outros.

2. O Turismo em Portugal

De acordo com a Organização Mundial de Turismo¹, Portugal está entre os 20 melhores destinos turísticos para visitar e é universalmente reconhecido como um destino turístico de excelência, seja pelas suas praias, pelo clima ameno, ou até pela comida e pelas pessoas que, como ninguém, sabem bem receber.

Como a tradução de textos de cariz turístico me era desconhecida, comecei por fazer uma breve pesquisa sobre o turismo em Portugal, sobre a definição de alguns conceitos e também sobre as regiões de Portugal que mais contribuem para o reconhecimento do nosso país como um destino de excelência. O conceito base da minha tradução é, como seria de esperar, o conceito de Turismo e, consultando um dicionário online, temos a seguinte definição de Turismo²:

1. A prática de viajar para recreação
2. A orientação ou gestão dos turistas
3. a) promoção ou encorajamento da prática de turismo
b) alojamento de turistas

A partir dos dados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), desde o ano de 2006, os anos de 2009 e 2012 foram os piores para o turismo em Portugal. O ano de 2014 registou um crescimento homólogo de cerca de 12%, e só dois anos depois, em 2016, se registaram números iguais, com o número de turistas em Portugal a ultrapassar os 8,5 milhões no primeiro semestre do ano. Para o aumento destes números contribuíram quer os turistas nacionais quer os turistas estrangeiros no mês de junho: 7,3% e 10,5%, respetivamente.

¹ Cf. World Tourism Organization - Tourism Market Trends UNWTO <http://mkt.unwto.org/publication/unwto-tourism-highlights-2016-edition>

² Cf. Dicionário Merriam-Webster em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/tourism>. Consultado no dia 8 de maio de 2017. (Tradução feita pelo autor deste relatório)

Quanto às regiões que mais turistas receberam, destaca-se a região Norte de Portugal Continental, com um aumento de 15,1%, a Região Autónoma dos Açores, com 14,1% e a região do Alentejo, com 14%.³

Posto isto, Portugal é um destino procurado cada vez mais pela qualidade que oferece, quer em termos dos locais e regiões a visitar, quer em termos gastronómicos. É então necessário que a literatura associada ao turismo esteja disponível em várias línguas para satisfazer a procura de falantes estrangeiros. Tal não acontece em grande parte dos trabalhos efetuados ao longo do meu estágio onde muitos dos textos que traduzi não estavam disponíveis em língua inglesa. Coube-me a mim a tarefa de tradução desses mesmos textos, para mais tarde serem disponibilizados ao público através dos canais de comunicação do Gabinete de Turismo.

Por conseguinte, é expectável que as duas áreas que este relatório aborda, o Turismo e a Tradução, estejam intrinsecamente ligadas entre si; os órgãos de Turismo deviam ter uma componente de formação na área da Tradução Técnica, e os futuros tradutores deviam também ter uma formação específica em vários temas. Irei abordar esta temática mais à frente neste relatório.

2.1 O Texto Turístico

O texto turístico é, por norma, um texto que tem como objetivo informar o turista sobre o local, ou locais, a visitar em determinada zona de um país. O tipo de linguagem é bastante informal e de fácil compreensão, apesar de muito adjetivada em alguns casos. É com este processo de adjectivação que se irá aliciar o turista a visitar os locais mencionados. As descrições variam em extensão conforme as informações que se querem transmitir ao turista, e há quase sempre a presença de informações adicionais,

³ Cf. “Turismo em Portugal com crescimento recorde” in *Jornal Económico*, em <http://www.jornaleconomico.sapo.pt/noticias/turismo-portugal-crescimento-recorde-75444>. Consultado no dia 15 de abril de 2017

tais como horários de funcionamento, preço de admissão e até indicações de como chegar aos locais. Em textos turísticos mais específicos podemos também encontrar linguagem especializada, nomeadamente história, arte, cultura, gastronomia, hotelaria, arquitetura, religião, entre outros.

2.1.1 A linguagem do texto turístico

A linguagem específica dos textos turísticos nem sempre é passível de ser reconhecida como especializada, pois a distinção entre vocabulário específico da área e o vocabulário utilizado no dia-a-dia é muito ténue. Grande parte do vocabulário por nós usado no dia-a-dia dá, inclusivamente, origem a grande parte do conteúdo dos textos de cariz turístico. Zsuzsanna Mekis (Mekis, 2008, p. 74) menciona que o contexto é o que determina se uma dada palavra ou expressão pertencem ao vocabulário específico ou ao vocabulário comum. Mekis dá o exemplo da palavra “férias”: quando usada num contexto informal entre amigos ou parentes pertence ao vocabulário comum, mas num texto turístico ou numa conversa entre profissionais da área, a palavra assume um contexto completamente diferente, inserindo-se assim na categoria de vocabulário específico da área.

2.1.2. O Emissor e Recetor do Texto Turístico

Na atividade de tradução estamos em contacto com textos de áreas diversas, criados por pessoas com experiência em diversas áreas. Tanto podemos trabalhar um texto técnico, como um texto médico, ou até mesmo um texto jurídico. Para o trabalho que desenvolvi, importa mencionar o texto de cariz turístico. Um texto turístico deveria ser produzido por alguém com experiência na área, respeitando assim as convenções terminológicas, gramaticais e lexicais da área em questão, mas tal nem sempre se verifica.

Convém então ao tradutor definir desde logo os conceitos de “Emissor” e “Recetor”:

Emissor: Que ou quem codifica e emite a mensagem, por oposição ao recetor, no processo da comunicação.⁴

Recetor: Que ou quem recebe e descodifica a mensagem, por oposição ao emissor, no processo da comunicação.⁵

Identificar o Emissor original nos textos que traduzi é quase sempre impossível, pois a informação neles contida é um conjunto de informação proveniente de várias fontes. Por um lado, pode-se considerar a pessoa que os redigiu, pois foi ela que construiu o texto a partir de todas as outras fontes. Por outro lado, pode-se identificar o Gabinete de Turismo da Câmara Municipal da Figueira da Foz como sendo o emissor final, pois é esse o organismo responsável pela revisão final da informação, bem como do arranjo gráfico, impressão e divulgação nos canais de informação mais adequados.

Optei então por considerar como Emissor dos textos o Gabinete de Turismo e recorri aos meus colegas para tentar colmatar as falhas encontradas. Recorri também aos meus conhecimentos académicos e ao meu sentido de lógica para tentar manter a, até então não presente, congruência e fluência textual.

Os recetores dos textos que traduzi deverão ser principalmente turistas estrangeiros anglófonos, nativos ou não, isto é, que usam a língua Inglesa como *lingua-franca* na sua comunicação. *Lingua-franca* é a língua adotada, intencionalmente, por um grupo multilingue de pessoas como forma de comunicar entre si sem barreiras. É normalmente uma língua diferente da língua materna dos falantes desse grupo e foi adotada, numa primeira instância, por razões comerciais. Mais recentemente este uso do inglês como *lingua-franca* alastrou-se a outras áreas, tais como a política (diplomacia internacional), administrativa, religiosa e turística.

⁴ Cf. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa <https://www.priberam.pt/dlpo/emissor>. Consultado no dia 10 de maio de 2017

⁵ Cf. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa <https://www.priberam.pt/dlpo/receptor>. Consultado no dia 10 de maio de 2017

2.2. Trabalho Desenvolvido

2.2.1 Textos Turísticos da Figueira da Foz

Todos os textos que traduzi dizem respeito ao Turismo na zona do Concelho da Figueira da Foz. São textos com uma extensão média e que contêm curtas descrições e informações sobre as localidades a visitar, quer na cidade da Figueira da Foz, quer nas várias vilas e aldeias que fazem parte do concelho. O texto mais extenso é um mapa da Figueira da Foz que contém uma breve descrição, ou história, de todos os monumentos e edifícios importantes da cidade.

Outro dos textos que traduzi foi uma agenda cultural da cidade, em que cada página era dedicada a um edifício relacionado com a cultura na Figueira da Foz e que continha uma breve história sobre diferentes edifícios e o seu fundador, e também a programação e informação geral sobre cada um dos espaços.

Traduzi também alguns *flyers* relativos à cidade da Figueira da Foz. São documentos com uma extensão pequena, com breves descrições de locais a visitar e cujo objetivo é auxiliar o turista na sua visita à cidade.

Uma questão que me causou grandes dificuldades foi o tipo de linguagem usada e que, apesar de simples, a mesma é bastante específica de diversas áreas, tais como a Arqueologia, a Arquitetura, a Gastronomia, a Geografia, a Geologia, a Museologia e até a linguagem de cariz religioso.

Olhando para o trabalho que desenvolvi, e para a forma como o desenvolvi, o que me causou mais dificuldades foi, efetivamente, não conhecer o autor original do texto. Depreende-se, após uma leitura rápida, que a informação que nos é apresentada foi retirada de várias fontes, não mencionadas em grande parte dos casos, tendo sido depois tratada de forma a ser de fácil interpretação. Não tendo um referencial pelo qual me pudesse guiar, fiquei sem saber o que se queria transmitir em grande parte dos casos, mas tentei ao máximo manter a informação original, com um cunho pessoal.

2.2.2 Trabalho Desenvolvido

É também importante pormenorizar todo o trabalho que foi feito, desde logo o facto de ter começado por efetuar traduções de pequena extensão. Por um lado, porque me deram a escolher por onde queria começar, e optei por começar com textos simples para ter uma noção do que me aguardava. Por outro lado, por não haver grande material com o qual trabalhar: muitos dos textos que já estavam traduzidos só necessitavam de uma pequena revisão e acertos no texto, especialmente ao nível da concordância frásica.

Comecei por traduzir um mapa da cidade com a indicação de todos os monumentos e edifícios históricos passíveis de serem visitados. É um mapa composto por uma página com cerca de 40 cm de comprimento e 30 cm de largura e cerca de 20 mil caracteres de texto.

Traduzi também alguns *flyers*, documentos compostos por uma página com cerca de 25 centímetros de comprimento por 15 centímetros de largura e 10 mil caracteres de texto. Outro é um desdobrável com cerca de doze páginas, e que contém informação sobre os percursos pedestres existentes na cidade.

Por fim, traduzi alguns excertos de um livro de receitas com cerca de 360 páginas. É um livro que contém várias receitas típicas da cidade da Figueira da Foz, e também alguns excertos históricos sobre as mesmas e também sobre a história da cidade.

2.2.3 memoQ

Todos os textos foram disponibilizados em formato digital, o que facilitou a sua introdução no *software* de tradução *memoQ*. O *memoQ* é um *software* de tradução assistida por computador (Computer-Assisted Translation), CAT na sigla inglesa, e escolhi usá-lo pela simples razão de ter sido a única ferramenta com que trabalhei até hoje e, por conseguinte, ser a ferramenta com que trabalho com mais facilidade.

Todas as traduções foram feitas recorrendo exclusivamente à CAT acima mencionada, e também a várias fontes disponíveis *online*. O *memoQ* foi, sem dúvida, uma ferramenta essencial para o sucesso do trabalho que me foi proposto. É uma ferramenta que nos permite recorrer a memórias de tradução, bases terminológicas, e também a corpora, criados por nós ou por outros. Tendo acesso a recursos criados por

outras pessoas, mais experientes em determinada área, a tarefa de tradução ficará mais agilizada e não dispendemos tempo a procurar definições ou termos, pois estes já estão presentes no *software*.

Penso que o memoQ é uma ferramenta bastante útil, quer para tradutores que estão agora a iniciar a sua carreira, quer para tradutores mais experientes.

Recorri também à ajuda dos meus colegas do Gabinete de Turismo quando precisei de ajuda em palavras ou expressões populares regionais, ajuda essa que foi indispensável em alguns dos textos.

2.2.4 Christiane Nord e a encomenda de tradução

Christiane Nord define o conceito de encomenda de tradução como um conjunto de informações que regem as condições para que o texto de chegada cumpra a sua função: “Every translation task should thus be accompanied by a brief that defines the conditions under which the target text should carry out its particular function.” (Nord, 1997, p. 59). É também nessa encomenda de tradução (Nord, 1997, p. 60) que devem constar as informações relativas a:

- the (intended) text function(s),
- the target-text addressee(s),
- the (prospective) time and place of text reception,
- the medium over which the text will be transmitted,
- the motive for the production or reception of the text.

Apesar de Nord entender que esta encomenda de tradução não é necessária para tradutores mais experientes, tradutores esses que conseguem discernir as questões acima descritas, ela vê-a como fundamentalmente essencial para tradutores iniciados, estudantes de tradução ou até mesmo estagiários na área de tradução:

We have seen how the purpose of the target text can often be inferred from the translation situation itself, which is interpreted in accordance with the translator’s previous experience or routine. Lacking this kind of experience, trainee translators cannot be expected to interpret a situation that (...) is not very clear anyway. (Nord, 1997, p. 59)

Ao longo do meu estágio, não me foi apresentada nenhuma encomenda de tradução, tendo eu, como tradutor estagiário, que tentar responder às questões de Nord e criar, assim, uma encomenda, e subsequentes textos, que fossem ao encontro do esperado pelo Gabinete de Turismo.

3. Enquadramento crítico do trabalho desenvolvido

Esta secção servirá para apresentar uma análise crítica ao trabalho que foi desenvolvido ao longo dos três meses do meu estágio.

A questão primordial é a de identificar se os textos traduzidos vão ao encontro das funções que Olena Skibitska refere no seu artigo: descrição, informação, e comunicação profissional (cf. (Skibitska, 2015)). A temática da Globalização, nas palavras de Michael Cronin é também aqui abordada (cf. (Cronin, 2003)). Por fim, outra das questões a identificar é se cumprem os requisitos dos tipos de texto identificados por Katharina Reiss (cf. Reiss cit. em (Munday, 2008, p. 72)), e far-se-á também uma breve menção à *Skopostheorie*, de Vermeer e, por fim, irei analisar a problemática que é a tradução para uma língua não materna, neste caso o Inglês.

Olena Skibitska, de origem ucraniana, é uma tradutora *freelancer* e intérprete em atividade desde 1999. O seu artigo é um dos poucos que tratam da problemática da tradução, mais especificamente da tradução de terminologia, em textos turísticos. A terminologia presente nos textos turísticos tem vindo a sofrer modificações significativas nos últimos anos, como forma de satisfazer as necessidades cada vez mais exigentes por parte dos turistas.

Michael Cronin, premiado académico na área da linguagem e tradução debate o conceito de Globalização na sua obra *Translation and Globalization*. É um conceito fundamental, e é graças à Globalização que cada vez mais temos acesso a tecnologia e ferramentas para agilizar o nosso trabalho como tradutores, nomeadamente o acesso a inúmeros recursos digitais, sejam eles bases de dados sobre um determinado tema, repositórios digitais (de bibliotecas e de universidades), vídeos, conferências, entre muitos outros.

3.1 Olena Skibitska

O artigo de Olena Skibitska refere três funções basilares para os textos turísticos:

- description (tourist texts, giving general descriptions of a destination, a sight, type of holiday, including destination description, e.g. countries, areas, regions; vacation descriptions, e.g. beach vacation, sightseeing holiday; tour description, e.g. cruise, excursion)
- information (tourist texts, giving practical information on facilities, appliances and services used and offered, including hotel descriptions, cruise ship descriptions, excursion itinerary, terms and conditions of service, visa and documents information etc)
- professional communication (tourist texts, used to communicate information between tourism professionals, including price lists, application forms, reservation systems, ticketing terms and conditions, booking manuals etc) (Skibitska, 2015)⁶

Após uma leitura mais cuidada de todos os textos que foram sendo traduzidos, verifica-se que grande parte deles cumpre duas das três funções acima mencionadas: a função de descrição e a função de informação. Fornecem uma descrição da zona ou monumentos a visitar, sendo visível que algumas vezes a descrição é mais simples, outras, é uma descrição mais pormenorizada e detalhada, chegando mesmo a recomendar ao leitor outros locais relacionados.

A função informativa está mais presente no texto a que dei o nome “Mapa da Cidade”, que, devido às suas características textuais e gráficas, é o exemplo perfeito quer da função descritiva quer da função informativa. Devido à natureza dos textos, e também aos recetores previstos, nenhum dos textos que traduzi cumpre a função de comunicação profissional: são textos dirigidos a um turista, e não a profissionais da área do Turismo, que queiram conhecer a cidade e o que ela tem para oferecer, e a informação neles contida está formatada de forma a ser facilmente compreendida.

O artigo de Olena Skibitska é importante na medida em que lança as bases para se caracterizar o texto turístico, e também analisa o tipo de terminologia que se usa nesses mesmos textos. Consultei este artigo pela sua vertente de classificação de tipos

⁶ Cf. Translation Journal <http://www.translationjournal.net/October-2015/the-language-of-tourism-translating-terms-in-tourist-texts.html>. Consultado no dia 15 de maio de 2017.

de texto e não pela terminologia, que apesar de ser uma característica importante, não é tratada neste relatório.

É também um artigo que menciona as diferenças culturais como sendo um problema entre os textos de partida e os textos de chegada: “Extra problems occur due to the cultural difference in concepts between tourism terms in different countries” (Skibitska, 2015), e isso esteve patente nos trabalhos que foram sendo realizados, pois nem sempre foi possível encontrar a palavra ou expressão que mais se adequasse às situações específicas.

É também neste artigo que a autora exemplifica algumas estratégias de tradução:

The most adopted strategies for translation of terms are different in different language pairs and depend mostly on the target language. Presumably, some of the most frequently used approaches are transliteration/transcription, calque, gloss translation or the combination of those (Skibitska, 2015)

3.2 Michael Cronin e a Globalização

No capítulo dedicado à Globalização da obra de Michael Cronin, *Translation and Globalization*, é debatida a alteração dos paradigmas ligados à tradução. Paradigmas esses que se foram alterando ao longo de todo o século XX, mas com mais ênfase a partir das décadas de 1960 e 1970 com o aparecimento das primeiras redes de computadores, redes essas que mais tarde iriam dar origem ao que hoje conhecemos como Internet. Em anos mais recentes, a disponibilidade de redes de computadores de alta velocidade alterou ainda mais profundamente a maneira de se traduzir, e não só: “From the mid-1980s onwards, computers functioned not in isolation but increasingly in networks. Sharing computer power on an electronic network meant the ability to increase memory and processing capacity” (cf. Castells cit. em (Cronin, 2003, p. 44)

Para estas mudanças contribuiu também a criação de software e bases de dados dedicados à agilização do processo de tradução:

“Language Networks, a Dutch company founded in 1995, launched a translator database service that same year. Six years later, it had 19,647 subscribers, its main purpose being to connect freelance translators, localization and translation firms and end users” (Cronin, 2003, p. 46).

Todas as grandes empresas internacionais, dos mais variados setores industriais, disponibilizam documentos técnicos que estão traduzidos nas línguas mais importantes a nível global, Francês, Alemão e Inglês e, eventualmente, na língua do país de onde a empresa é originária.

Cronin atribuiu também à Globalização um papel importante na história da tradução no Mundo: a tradução é agora uma ferramenta que ultrapassa as fronteiras, físicas e não só, de cada país: “the availability of a high-speed data network and Quark Publishing System software (QPS) allows not only space but time to be manipulated in the global translation industry” (Cronin, 2003, p. 43). É uma ferramenta que passa a fazer parte da própria diáspora dos países e das nações.

O Inglês estabeleceu-se como *lingua-franca* no século XX em todas as áreas da sociedade, e desde aí nunca mais perdeu o seu lugar de destaque. Para isto, contribuiu muito a Globalização, mas também o maior acesso das pessoas à tecnologia, nomeadamente a Internet e os smartphones, o acesso ao e-mail e às redes sociais, entre outras. É então normal que cada vez mais a necessidade e a procura de traduções, de qualquer tipo, seja cada vez maior. A globalização aproximou as pessoas, mas a ideia de que só se deveria traduzir para a língua materna está ainda muito enraizada na sociedade.

Esta noção de “Tradução Globalizante” afeta não só o passado, mas também o futuro, pois muda a forma das pessoas pensarem o que realmente é a tradução. Será uma ferramenta com um âmbito nacional e local? Ou poderá ser usada como uma ferramenta que aproxime os povos e as nações, dando a conhecer um pouco das histórias de cada país ao mundo? A Globalização é também uma noção que nós, enquanto tradutores, temos de ter presente quando fazemos o nosso trabalho, pois os textos que produzirmos irão ser lidos por um vasto número de pessoas, de diferentes culturas e com diferentes percepções do mundo.

3.3 O Funcionalismo na Tradução

A *Skopostheorie* foi desenvolvida pelo linguista e tradutor Hans J. Vermeer na década de 1970. Nela, Vermeer defende que a tradução de um texto deve ter em conta a função comunicativa quer do texto de partida quer do texto de chegada, e que tem como finalidade um objetivo específico dentro de uma determinada cultura: “Skopos theory focuses above all on the purpose of the translation, which determines the translation methods and strategies that are to be employed in order to produce a functionally adequate result.” (cf. Vermeer cit. em (Munday, 2008, p. 79).

É uma teoria que se foca no processo tradutório, o que leva a que se determinem os métodos e as estratégias a aplicar durante o processo, com o objetivo de produzir um resultado adequado e funcional, e é também uma teoria que ajuda o tradutor a perceber qual o motivo que leva a que o texto de partida tenha de ser traduzido e qual será a função do texto de chegada: “(...) translational decisions are based on a fundamental rule which not only determines whether something is transferred and what is transferred, but also how it is transferred.” (Reiss & Vermeer, 2014, p. 85). Segundo Kussmaul, a função de uma tradução depende de vários fatores:

It is one of the basic ideas of the functionalist approach and also of Skopos-theory (...) that the function of the source text, and of course also of parts of the source text, can or must be changed, depending on the wishes, expectations, needs etc. of the target readers (Kussmaul, 1995, p. 71)

O mesmo texto poderá ser objeto de traduções diferentes, conforme a sua finalidade específica, ficando a cargo do tradutor decidir qual o papel do texto de partida, tendo por base a finalidade do texto de chegada:

It is up to the translator as the expert to decide what role a source text is to play in the translation action. The decisive factor is the precisely specified skopos, and the source text is just one constituent of the commission given to the translator. (cf. Schäeffner cit. em (Baker & Saldanha, 2009, p. 117).

A classificação textual criada por Katharina Reiss tem como base as três funções da linguagem de Karl Bühler: informativa, expressiva e apelativa (Munday, 2008, p. 72), e que pode ser vista na Imagem 1.

Imagem 1: Características funcionais dos tipos de texto e ligações para os métodos de tradução (traduzido e adaptado de Reiss, 1971/2000) (Munday, 2008, p. 73)

A finalidade dos textos que traduzi é a de informar e de despertar a atenção e a curiosidade dos turistas e essa mesma finalidade é atingida devido ao tipo de linguagem utilizada, que é simples e objetiva. Nos excertos textuais informativos, há a presença de informação que tem como finalidade auxiliar o turista, informação essa que vai desde pequenas histórias do local de interesse a visitar, horário de funcionamento do local, preço de admissão ao espaço (se aplicável), coordenadas GPS, entre outras.

Tome-se como exemplo de um texto informativo o excerto seguinte:

AQUAPARK TEIMOSO Cabo Mondego, Buarcos

Parque de Diversões Aquáticas, composto por 3 piscinas - 1 semi-olímpica, 1 tanque de recepção dos Tobogã Gigante, Caracol e Playground e 1 piscina infantil - balneários / vestiários, vários solários com espreguiçadeiras, serviço de enfermaria e bar com comida fast-food.

Abertura Junho a Setembro

Table 5.1 Functional characteristics of text types and links to translation methods (translated and adapted from Reiss 1971)

<i>Text type</i>	<i>Informative</i>	<i>Expressive</i>	<i>Operative</i>
Language function	Informative (representing objects and facts)	Expressive (expressing sender's attitude)	Appellative (making an appeal to text receiver)
Language dimension	Logical	Aesthetic	Dialogic
Text focus	Content-focused	Form-focused	Appellative-focused
TT should . . .	Transmit referential content	Transmit aesthetic form	Elicit desired response
Translation method	'Plain prose', explicitation as required	'Identifying' method, adopt perspective of ST author	'Adaptive', equivalent effect

T. + 351 233 402 720 | F. + 351 233 402 729

www.teimoso.com | E. restaurante@teimoso.com

AQUAPARK TEIMOSO (WATERPARK) Cabo Mondego, Buarcos

Water Entertainment Park with 3 pools: 1 half-olympic and 1 children's pool, and 1 water tank for the Giant Slide; spiral slide and playground. Shower rooms/changing rooms, an open space with lounge chairs, fast-food bar and first-aid services.

Open from June to September.

Telephone + 351 233 402 720 | Fax + 351 233 402 729

www.teimoso.com | E-mail restaurante@teimoso.com

É função do tradutor respeitar e seguir as convenções da língua de chegada e, assim, transmitir de forma objetiva, sem erros ou omissões, as informações que constam no texto de partida. O tradutor é o intermediário, cultural e linguístico, entre os leitores do texto de partida e os leitores do texto de chegada, leitores esses que não possuem os mesmos conhecimentos linguísticos, e muitas vezes não conhecem a cultura de partida. É também função do tradutor entender, compreender e, acima de tudo, seguir as convenções da língua de partida e da língua de chegada. Respeitando essas regras, iremos produzir um texto coerente e de fácil compreensão na língua de chegada, seja qual for o conhecimento ou situação do leitor. Essas convenções tanto podem ser as da língua de chegada e as da própria área de tradução, como podem ser convenções estipuladas pelos organismos competentes.

No caso das minhas traduções, segui as orientações do guia de estilo da Comissão Europeia⁷, pois o público-alvo das traduções que fiz será, maioritariamente, residente em países da União Europeia e que têm como *língua-franca* o Inglês. Utilizei

⁷ English Style Guide https://ec.europa.eu/info/sites/info/files/styleguide_english_dgt_en.pdf. Consultado no dia 11 de maio de 2017

também este guia pois foi necessário criar traduções que seguissem um conjunto de regras adaptadas à realidade do turismo em Portugal e da União Europeia.

4. Tradução para uma língua não-materna

Antes de abordar mais aprofundadamente este tema convém explicar em que consiste, muito simplificada, o processo de tradução, identificando também os conceitos de língua de partida e língua de chegada. Para tal, recorro a uma breve citação da obra de Jeremy Munday, *Introducing Translation Studies – Theories and Applications*:

The term translation itself has several meanings: it can refer to the general subject field, the product (the text that has been translated) or the process (the act of producing the translation, otherwise known as translating). The process of translation between two different written languages involves the translator changing an original written text (the source text or ST) in the original verbal language (the source language or SL) into a written text (the target text or TT) in a different verbal language (the target language or TL). (Munday, 2008, p. 5)

Seguindo a afirmação acima transcrita, uma das várias funções do tradutor é a de traduzir de uma língua de partida para uma língua de chegada, normalmente de uma língua estrangeira para a sua língua materna. O tradutor é visto como alguém que, estando familiarizado com uma língua não-materna, tem as mesmas competências de um falante nativo.

No século XX, o inglês, como *língua-franca*, passa a ser a língua que domina o mundo, desde o comércio, passando pela ciência e pela tecnologia, até aos meios de comunicação social, e é também a língua mais ensinada a nível global. O predomínio da língua inglesa como *língua-franca* está intimamente relacionado com a Globalização. Os avanços tecnológicos possibilitaram o contacto quase instantâneo entre duas ou mais partes do globo, e como tal houve uma necessidade de criar uma forma de comunicação entre povos que falem diferentes línguas.

É por isso necessária a tradução para língua não-materna onde os tradutores de língua nativa não existam em grande número e isso está bem patente na afirmação de Peter Newmark, “the practice [of translating from one’s language of habitual use into another language] is necessary in most countries” (cf. Newmark cit. em (Lonsdale, 1996, p. 60).

O contexto em que as traduções são feitas afeta também a direcionalidade das mesmas, devido à combinação das línguas, à existência, ou não, de tradutores, à

especificidade das áreas, aos géneros textuais, ou até aos prazos de entrega das traduções.

Na área da tradução há autores que defendem e outros que repudiam a direção da tradução para uma língua não-materna. De entre os que a defendem, destaca-se Christiane Nord, que afirma que a especialização do tradutor pode e deve colmatar as competências linguísticas estrangeiras, mas tal não é visto como factor impeditivo da tradução para a língua estrangeira:

Der unterschiedliche Schwierigkeitsgrad von Hin- und Herübersetzung stellt sich als primär übersetzerbezogener Faktor dar: Die aktive Sprachkompetenz eines Übersetzers wird in der Regel für die Muttersprache höher und umfassender sein als für die Fremdsprache, kann aber bei entsprechender Spezialisierung auch für die Fremdsprache ein sehr hohes Niveau erreichen⁸ (cf. Nord cit. em (Kelly, 2003, p. 26).

Outro dos autores que defendem a tradução para uma língua não-materna é Eugene Nida, com o seu reconhecido método de “quatro mãos”, onde dois tradutores se ajudavam mutuamente, um nativo na língua de partida e outro nativo na língua de chegada. O tradutor da língua de partida traduziria as frases que transmitissem a mensagem do texto original e parafraseava-as na língua de chegada. O tradutor da língua de chegada faria depois os ajustes necessários:

El método aplicado con tal objetivo es el de la cooperación entre un nativo de la lengua de partida (...) y un nativo de la lengua de llegada: (...) el nativo de la lengua de partida recupera las frases elementales portadoras del mensaje del texto original y las parafrasea, para encontrar su sentido inherente y posteriormente expresa este sentido en la lengua de llegada. El nativo de la lengua de llegada, en la fase de reestructuración, realiza los ajustes estilísticos (Wimmer, 2011, p. 15)

De entre os autores que repudiam tal direcionamento da tradução destaco Peter Newmark, que se foca na linguística e na autoridade do autor do TP:

⁸ O diferente grau de dificuldade da tradução inversa e directa apresenta-se como o fator primário relacionado com o tradutor: as competências linguísticas ativas de um tradutor serão, em geral, superiores e mais abrangentes na língua materna do que para a língua estrangeira, mas, com especialização adequada, pode também alcançar-se um nível elevado na língua estrangeira. (Tradução minha).

He [the translator] himself usually knows that he cannot write more than a few complex sentences in a foreign language without writing something unnatural and non-native, any more than he can speak one. He will be “caught” every time, not by his grammar, which is probably suspiciously “better” than an educated native’s, not by his vocabulary, which may well be wider, but by his unacceptable or improbable collocations. (Newmark, 1981, p. 80)

Também Dominic Stewart, que classifica a tradução como uma mera competência linguística na língua de chegada, repudia a tradução para uma língua não-materna: “(...) the L2 translator’s reduced proficiency in the foreign language jeopardises the validity of the final product” (cf. Stewart cit. em (Trainor, 2004).

Nas palavras de Stephanie Wimmer, grande parte das correntes e teorias dos Estudos de Tradução admitem que a direcionalidade de tradução para uma língua não-materna é a norma:

(...) son pocos los teóricos los que realmente investigan las diferencias entre la traducción directa y la traducción inversa mientras que la gran mayoría simplemente assume que el traductor traduce o debe traducir sempre a su lengua materna para realizar una traducción aceptable desde el punto de vista lingüístico y cultural (...) (Wimmer, 2011, p. 76)

Peter Newmark, outro dos autores que repudia a direcionalidade da tradução afirma que:

I shall assume that you, reader, are learning to translate into your language of habitual use, since that is the only way you can translate naturally, accurately and with maximum of effectiveness” (Newmark, 1988, p. 3).

Já Allison Lonsdale (cf. Lonsdale cit. em (Baker & Saldanha, 2009, p. 85) refere que uma das várias vantagens da tradução para uma língua não-materna é a de se compreender a cultura e a língua do TP, e desta forma assegurar-se a precisão da informação que se pretende transmitir:

A translator should, as far as possible, translate into his, or her, mother tongue or into a language of which he or she has a mastery equal to that of his or her mother tongue.”.

Todas as traduções que foram executadas no âmbito das minhas funções na CMFF foram feitas de forma livre, pois não existiu uma encomenda de tradução

especificada. A falta de uma encomenda de tradução foi muito problemática, pois é nela que estão especificadas as instruções do cliente. É o que guia o tradutor na sua função, pois define regras e convenções a seguir, fornece, ou não, memórias de tradução e bases terminológicas.

Visto não haver nenhuma encomenda de tradução, tentei eu próprio criar uma e tive em conta vários aspetos: a cultura do público-alvo, o uso de terminologia específica, de linguagem adequada, entre outros.

Apesar de trabalhar com facilidade em Inglês, sentir-me-ia mais à vontade em traduzir do Inglês para Português, mas tal não foi possível devido a vários fatores. Em primeiro lugar, e muito estranhamente, o Gabinete de Turismo não precisa, ou não quer, projetar-se “globalmente” e por isso quase todo o material está escrito em Português. Em segundo lugar, o pouco material disponível em Inglês foi trabalhado por empresas de tradução.

Poderia mencionar muitos outros fatores, mas penso que os dois acima referidos espelham a realidade que se vive noutros municípios e organismos públicos que convivam com a tradução no seu dia-a-dia. Convém também referir que uma das estratégias utilizadas pela CMFF é a da “tradução interna”, ou seja, utilizam funcionários de vários Gabinetes para fazer uma tradução.

Posto isto, e no que respeita a eventuais problemas ou dificuldades nas traduções que fiz, as mesmas foram colmatadas devido aos meus conhecimentos, mas também às fontes consultadas e às ferramentas usadas. A Internet, com os seus recursos praticamente infinitos veio agilizar o trabalho do tradutor do século XXI, com dicionários *online*, gramáticas, bases de dados, entre outras, e que são ferramentas cada vez mais indispensáveis a um profissional que queira dominar a prática da tradução.

A tradução é quase sempre feita por tradutores que se especializaram em determinada área e não por tradutores nativos da língua de chegada. Isto deve-se ao facto de a oferta de tradutores não corresponder minimamente à procura dos textos traduzidos para determinada língua, isto é, línguas que não tenham muitos falantes não irão ter a mesma projeção que línguas que tenham muitos falantes.

É por isso necessário que se modifiquem os paradigmas pelos quais a área da tradução se rege e tal já é visível nas instituições que ministram os cursos de Tradução. As Universidades, como entidades que formam Tradutores e lhes fornecem as ferramentas e competências próprias para a prática da sua atividade, têm o dever de preparar os futuros tradutores para um mercado de trabalho cada vez mais especializado e competitivo, também nas línguas não-maternas.

5. Casos Práticos

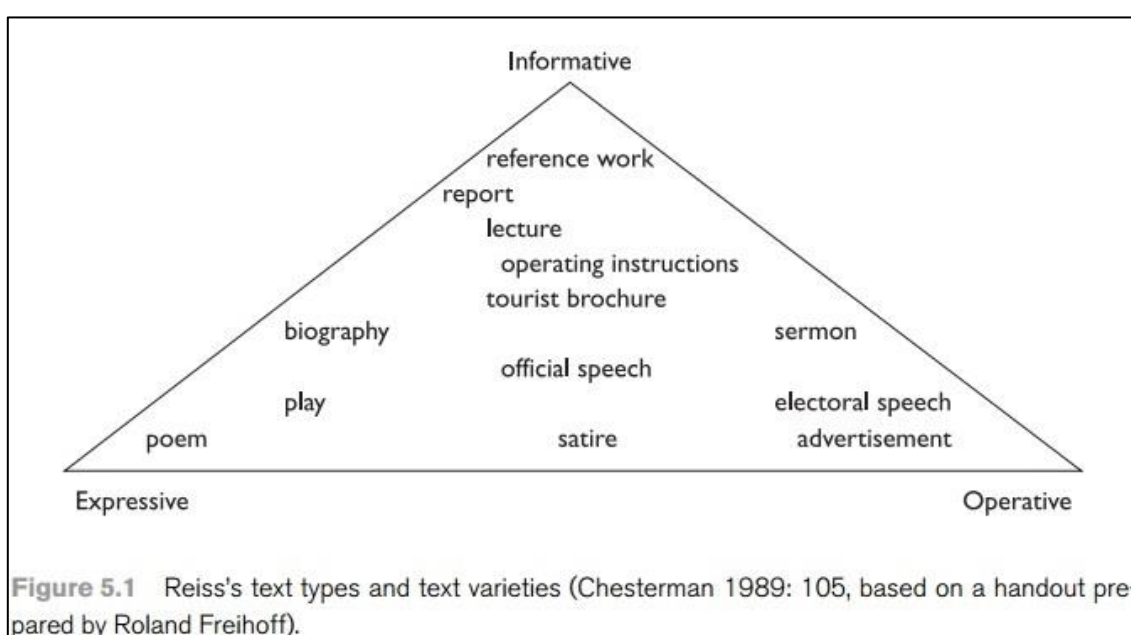


Imagem 2: Tipos e variedades de textos de Reiss (adaptado de Chesterman 1989:105, baseado num documento preparado por Roland Freihoff). (Munday, 2008, p. 73)

Esta secção do relatório servirá para a apresentação de alguns exemplos de segmentos textuais que me causaram problemas durante o meu estágio, e tentarei enquadrá-los na classificação de tipos de texto de Katharina Reiss: textos informativos, textos expressivos e textos operativos. O texto audiovisual não figurará nesta secção porque não trabalhei nenhum texto ou suporte deste tipo, apesar de ter muitos elementos gráficos e visuais úteis nos textos que me coube traduzir.

A brochura turística é, precisamente, um dos tipos de textos que Reiss identifica dentro das três grandes categorias por ela criadas, como se pode ver na na Imagem 2.

Nas palavras de Reiss: “the transmission of the predominant function of the ST is the determining factor by which the TT is judged” (cf. Reiss cit. em (Munday, 2008, p. 73). Posto isto, Reiss sugere métodos específicos de tradução, de acordo com o texto que está a ser trabalhado:

The TT of an informative text should transmit the full referential or conceptual content of the ST. The translation should be in ‘plain prose’, without redundancy and with the use of explicitation when required (cf. Reiss cit. em (Munday, 2008, pp. 73-74)

The TT of an expressive text should transmit the aesthetic and artistic form of the ST. The translation should use the ‘identifying’ method, with the translator adopting the standpoint of the ST author (cf. Reiss cit. em (Munday, 2008, pp. 73-74)

The TT of an operative text should produce the desired response in the TT receiver. The translation should employ the ‘adaptive’ method, creating an equivalent effect among TT readers (cf. Reiss cit. em (Munday, 2008, pp. 73-74)

Katharina Reiss lista também uma série de critérios de instrução, critérios esses que servirão para avaliar a adequação do TC, nomeadamente (cf. Reiss cit. em (Munday, 2008, p. 74):

1. intralinguistic criteria: semantic, lexical, grammatical and stylistic features;
2. extralinguistic criteria: situation, subject field, time, place, receiver, sender and ‘affective implications’ (humour, irony, emotion, etc.)

Irei dividir esta secção do meu relatório em duas subsecções. A primeira irá ser dedicada ao texto que apelidei de “Mapa da Cidade”. É um texto que contém informação sobre os monumentos e sítios históricos da cidade e é um dos melhores exemplos das funções textuais de Katharina Reiss. A segunda subsecção vai ser dedicada aos excertos textuais do livro gastronómico “A nossa mesa: receituário gastronómico da Figueira da Foz”. São excertos que contêm muitos nomes de pratos e doces típicos, mas também algumas menções a factos históricos relacionados com a gastronomia, quer de Portugal, quer da Figueira da Foz.

Irei também dedicar uma pequena secção às convenções que segui ao longo do meu estágio, e que vão desde as unidades de comprimento, abreviaturas, formatos de data e hora, e coordenadas GPS.

Começarei sempre por identificar o exemplo do texto de partida e só depois apresentarei a minha tradução. Os excertos que se encontram na secção 5.3.1 incluem descrições muito sucintas e de fácil compreensão e privilegiam o uso de linguagem simples e pouco técnica de forma a cativar a atenção do leitor. É o texto que aparece em primeiro lugar no “Mapa da Cidade” e isso cria, a meu ver, uma ligação muito forte com quem o lê. Quando estamos de visita a um lugar que não conhecemos, é preferível receber a informação de forma direta e objetiva. Desta forma não ficamos assoberbados com a quantidade de informação, o que pode levar a que o turista dedique a sua atenção a outro assunto.

5.1 A função de tradutor, a mediação linguística e as técnicas utilizadas

O tradutor age como um mediador na comunicação entre dois intervenientes que não partilham dos mesmos conhecimentos linguísticos. Para isso, o tradutor tem de conhecer as convenções quer da língua de partida quer da língua de chegada, atuando, assim, como mediador linguístico. Nas palavras de Hatim e Mason:

(...) mediation, that is, the extent to which translators intervene in the transfer process, feeding their own knowledge and beliefs into their processing of a text (...)” (Hatim & Mason, 1997, p. 122).

Para fazer essa mediação, o tradutor recorre a técnicas de tradução, de entre as quais destaco a domesticação e a estrangeirização, teorizadas por Friedrich

Schleiermacher⁹, e às quais recorri frequentemente durante o meu estágio. Venuti, teorizando sobre essas mesmas técnicas menciona que:

(...) Schleiermacher allowed the translator to choose between a domesticating method, an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home, and a foreignizing method, an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad (...) (Venuti, 1995, p. 20)

Ou seja, a domesticação diz respeito à forma, quase sempre etnocêntrica, como o tradutor aproxima a sua tradução à cultura de chegada, arriscando assim a que se perca muita da informação do texto original. Por outro lado, a estrangeirização é o processo inverso, ou seja, mantêm-se conceitos e ideias na língua de partida, não se obedecendo às convenções da língua de chegada, podendo induzir o leitor em erro. Apesar de tudo isto, optei por não traduzir alguns dos nomes presentes nos textos com que trabalhei por uma questão de concordância com as placas informativas presentes no município, mas também como forma de dar a conhecer a um leitor estrangeiro a riqueza cultural e linguística do nosso país.

5.2. Convenções seguidas

Todas as alterações que a seguir surgem foram feitas por iniciativa pessoal e tentei também, sempre que possível, fazer eu próprio a revisão textual e entregar um trabalho final adequado. Para as subsecções que se seguem, recorri ao *English Style Guide: A handbook for authors and translators in the European Commission*¹⁰ e ao *Measurement Units Style Guide*¹¹ da UK Metrics Association como guia para a criação de uma tradução consistente e com atenção aos pequenos pormenores. Escolhi seguir as

⁹ “[o]u o tradutor deixa o mais possível o escritor em repouso e move o leitor em direcção a ele; ou deixa o leitor o mais possível em repouso e move o escritor em direcção a ele” (Schleiermacher, p. 61)

¹⁰ https://ec.europa.eu/info/sites/info/files/styleguide_english_dgt_en.pdf. Consultado no dia 11 de maio de 2017

¹¹ <http://ukma.org.uk/docs/ukma-style-guide.pdf>. Consultado no dia 11 de maio de 2017

regras mencionadas neste guia, pois ele foi criado com o propósito de auxiliar os autores e tradutores dos países que fazem parte dos países constituintes da União Europeia.

Todas as regras se baseiam na vertente britânica da língua inglesa, vertente essa que usei ao longo de todo o meu estágio. Ter recorrido a esta vertente está relacionado com a proximidade geográfica do território do Reino Unido e da Irlanda, onde a língua inglesa é a língua nativa. De referir também que as convenções aqui seguidas, as quais tentei ao máximo que respeitassem as convenções da cultura de chegada, têm como objetivo parecerem o mais natural possível a um leitor inglês, de forma a não causar ambiguidade.

5.2.1 Unidades de Medida

Apesar de existirem poucas menções a unidades de medida nos textos que traduzi, achei que seria necessário fazer uma breve referência a esta temática, pois foi uma das dificuldades que tive no início do meu estágio: que convenções seguir relativamente às unidades de medida, formatos de data, entre outros, para produzir uma tradução fidedigna? Procurei então informações que me pudessem auxiliar e encontrei o guia acima mencionado. Foi uma ferramenta indispensável, pois as regras nele contidas guiaram o meu estilo de tradução até ao final.

Seguindo as recomendações do *Measurement Units Style Guide* referenciado no *English Style Guide: A handbook for authors and translators in the European Commission* da Comissão Europeia, mantive todas as unidades no Sistema Internacional de Unidades. O Reino Unido adotou oficialmente o Sistema Internacional, mas não o fez com intenção de substituir na totalidade o seu próprio sistema de medidas. Apesar de estar regulado pelo guia de estilo acima mencionado que a medida de comprimento *yards* está em vigor no Reino Unido, optei por manter metros e quilómetros nas suas versões originais, como forma de concordância com as outras unidades de medida em uso nos textos. Outras unidades em uso nos textos que trabalhei foram: metro (m), metro quadrado (m²), quilómetro (km) e hectare (ha).

5.2.2 Abreviaturas

Em grande parte dos excertos textuais do trabalho que desenvolvi aparece a informação relativa aos números de telefone, números de fax, números de telemóvel, e endereços de e-mail das entidades em questão. Os únicos ajustes que fiz em relação a estas abreviaturas, com o intuito de explicitar melhor a informação, foi a de “traduzir” T. de Telefone, F. de Fax e E. de E-mail para as suas versões mais extensas, nomeadamente “*telephone*”, “*fax*” e “*e-mail*”.

5.2.3 Anos, Datas e Horas

A menção às décadas está também regulamentada pelo guia de estilo:

“When referring to decades write the 1990s (no apostrophe; never use ‘the nineties’, etc)” (Commission, 2017, p. 34)

Como tal, e no excerto da Torre do Relógio no texto “Mapa da Cidade” traduzi “(...) substituído na década de 70 (...)” para “(...) replaced by a mechanical clock in the 1970s (...)”.

Relativamente ao formato de datas e horas, o exemplo que se segue é bastante significativo:

7 de JANEIRO de 2017, 21h30

7 January, 9:30 p.m

É uma expressão que aparece numa agenda cultural mensal da Figueira da Foz e, seguindo o guia de estilo, omiti a menção ao ano de 2017, pois o mesmo está subentendido, visto que é uma agenda mensal do ano corrente. A convenção do formato de hora também está definida e optei por utilizar o sistema horário de 12 horas, sistema usado frequentemente no Reino Unido, onde as 24 horas do dia se dividem em dois períodos de 12 horas cada, *ante meridiem* (a. m.), antes do meio-dia e *post meridiem* (p.m.), depois do meio-dia.

5.2.4 Coordenadas GPS

Há apenas uma única menção a coordenadas GPS e a mesma não cumpre as convenções estabelecidas. Existem três formas¹² de apresentação destes dados, de forma a serem aceites nos dispositivos GPS e no *website* Google Maps, e nenhuma delas foi seguida no TP:

- Graus, minutos e segundos (DMS): 41°24'12.2"N 2°10'26.5"E
- Graus e minutos decimais (DMM): 41 24.2028, 2 10.4418
- Graus decimais (DD): 41.40338, 2.17403

TP: Coordenadas GPS Latitude: 40 ° 09' 08,05" N Longitude: -8 ° 51' 37,55" W	TC: GPS Coordinates Latitude: 40° 09' 08.05" N Longitude: -8° 51' 37.55" W
--	--

O uso do indicador ordinal (º) e não do indicador de graus (°) e o uso da vírgula não são reconhecidos por dispositivos GPS ou pelo Google Maps. Na minha tradução substituí o indicador ordinal pelo sinal de grau e a vírgula por um ponto, de forma a tornar as coordenadas GPS funcionais e assim permitir a um turista que recorra a este tipo de sistemas encontrar o lugar pretendido.

Os exemplos aqui mostrados podem passar despercebidos ao simples leitor, mas uma das nossas funções, enquanto tradutores, consiste em formatar a informação de forma a que ela seja transmitida da forma correta. Essa função é ainda mais pertinente quando se trata de textos turísticos, que têm como função informar o leitor de forma a que ele encontre o local que pretende visitar.

¹² Cf. “Encontrar ou introduzir a latitude e a longitude” em <https://support.google.com/maps/answer/18539?co=GENIE.Platform%3DDesktop&hl=pt>. Consultado no dia 12 de maio de 2017

5.3 Mapa da Cidade

5.3.1 Mapa da Cidade (Geral)

LAGOA DA VELA	LAGOA DA VELA (LAGOON)
SERRA DA BOA VIAGEM	SERRA DA BOA VIAGEM (MOUNTAIN)

Os títulos acima transcritos ilustram perfeitamente, a meu ver, a dificuldade de se traduzir para uma língua não-materna. Ilustram também uma das situações que menos aprecio no trabalho de traduzir: deverão os nomes das localidades e, neste caso, dos dois acidentes geográficos, ser traduzidos? De acordo com Peter Newmark:

(...) distinguish between toponyms as names or items in an address, when they are transferred, and as cultural scenery in an advertising brochure, when at least the classifiers such as 'river', 'plain', 'mountains', 'church', even 'street' can be translated (...). (Newmark, 1981, p. 216)

Poderia ter optado por seguir as recomendações de Newmark, mas não o fiz por uma simples razão: não estaria a respeitar as inúmeras placas dispostas pelo município. Placas essas que, a meu ver, prevalecem sobre qualquer tipo de tradução, onde a informação sobre os locais e monumentos se encontra já presente em português. Optei, já depois de fazer algumas pesquisas e leituras, por manter o nome em português, mas acrescentar entre parênteses a expressão genérica, em inglês.

Outra das dúvidas que tive no título relativo à Serra da Boa Viagem foi entre “*mountain*” e “*mountain range*”. A Serra da Boa Viagem é, efetivamente, um “monte elevado e de cume extenso” e não uma “série de serras contíguas”, e querendo seguir os métodos de tradução de Katharina Reiss, optei pela manutenção da expressão em português, mas acrescentando “*mountain*” e, no caso da lagoa, “*lagoon*” entre parênteses. Optei também por esta técnica de “não tradução” pois tive sempre em conta o público-alvo e, adotando o seu ponto de vista, não me parecia natural ler um nome que parecia ter sido traduzido pela metade. Adotei esta técnica ao longo deste

texto (“Mapa da Cidade”), pois é um texto que contém muitos nomes de monumentos, sítios arqueológicos e equipamentos culturais.

5.3.1.1 Mapa da Cidade (Património Religioso)

Analisando agora os segmentos respeitantes ao património religioso do concelho, a razão pela qual optei por manter os nomes em português já foi anteriormente esclarecida. A grande dificuldade destes excertos aparece na forma de vocabulário religioso específico, e em alguns casos, arcaico. Os nomes religiosos de capelas, igrejas e santos foram todos mantidos em português por não ter encontrado uma tradução direta. Poderia ter optado por uma tradução entre parênteses, como fiz com os nomes dos monumentos, mas a finalidade deste tipo de texto é a de informar da forma mais sucinta possível o leitor.

CAPELA E MOSTEIRO DE N.ª SRA. DE SEIÇA Paião

(...) é uma construção de planta centrada com traçado octogonal, rodeada de alpendre.

CAPELA E MOSTEIRO DE N.ª SENHORA DE SEIÇA (CHAPEL AND MONASTERY) Paião

(...) the chapel in octogonal shape is surrounded by a porch.

Neste excerto a frase que se mostrou mais problemática foi a primeira. Como transmitir de forma simples e objetiva, isto é, a turistas que não dominem a área da arquitetura, a forma de construção desta capela? Numa primeira leitura, e não tendo feito pesquisa prévia sobre o monumento, fiquei com a ideia de que o alpendre mencionado estaria a rodear o altar no interior da capela. Após pesquisa e leitura de alguns conceitos arquitetónicos, encontrei uma breve definição, e imagens, que me ajudariam a chegar à tradução final:

La planta central (denominada también planta centralizada) es una tipología de planta arquitectónica que acomoda el espacio interior de un edificio en rotonda. La planta resultante suele poseer simetría puntual, o acercarse a este modelo geométrico.

Dependiendo del uso y de la complejidad de las estructuras del edificio se solía emplear como planta figuras geométricas de planta que podrían ser polígonos regulares. El empleo de esta tipología aparece fundamentalmente en los espacios sagrados, espacios que se suelen rematar frecuentemente con cúpulas de diversos tipos que mantienen la simetría puntual de la planta (construcción cupuliforme)¹³.

CAPELA DE N.ª SRA. DA CONCEIÇÃO Buarcos

(...) passou a ter a invocação de N.ª. Sra. da Conceição a partir de 1640 (...)

(...) como o púlpito circular quinhentista, típico do renascimento coimbrão, o revestimento azulejar de produção coimbrã, do início do séc. XVIII, ou os retábulos setecentistas em talha dourada.

CAPELA DE N.ª SRA. DA CONCEIÇÃO (CHAPEL) Buarcos

(...) has, since 1640, the image of N.ª Sra. da Conceição (...)

(...) the sixteenth century circular pulpit, typical of Coimbra's style, the early eighteenth century tiles' coating produced in Coimbra, or the 17th century gilded wood retables.

Neste excerto específico, a palavra que mais problemas me apresentou foi “invocação”. Consultando um dicionário de língua portuguesa, fica-se com a seguinte definição:

- Chamar por meio de invocação.
- Chamar em auxílio.
- Implorar; evocar.¹⁴

Com a ajuda que obtive junto dos meus colegas do Gabinete de Turismo e com alguma pesquisa sobre a capela em questão, deduzi que a palavra “invocação” faz

¹³ Cf. Enciclopédia Online Wikipédia em https://es.wikipedia.org/wiki/Planta_central. Consultado no dia 9 de maio de 2017

¹⁴ Cf. Dicionário Online Priberam em <https://www.priberam.pt/dlpo/invocação>. Consultado no dia 9 de maio de 2017

menção a uma imagem da santa à qual a capela é dedicada. Posto isto, a tradução no TC pareceu-me óbvia e optei por traduzir para “*image*” e não “*invocation*”. É uma palavra que em ambas as línguas tem a mesma definição e que tem uma conotação religiosa muito forte, mas não se adequava de todo a este excerto.

A segunda frase deste excerto foi, talvez, das mais difíceis de traduzir em todo o meu trabalho, porque contém muito vocabulário religioso e arquitetónico: “púlpito circular quinhentista”, “renascimento coimbrão”, “retábulos setecentistas em talha dourada”, vocabulário esse com o qual não estou minimamente familiarizado.

Após efetuar uma pesquisa sobre o Renascimento em Coimbra, fiquei a saber que foi um período de inovação e de abertura a novas técnicas de pintura, escultura, entre outros. Tal deveu-se à vinda de artistas estrangeiros, nomeadamente espanhóis, franceses, flamengos e alemães a pedido de reis e nobres da altura. O estilo gótico, tão conhecido e presente por toda a cidade, é visto como antiquado e exigia-se uma mudança, mudança essa que ficou a cargo dos artistas flamengos, com um estilo próprio do Norte da Europa.

CAPELA DE N.ª SRA. DA ENCARNAÇÃO Buarcos

Esta ermida de cariz popular tem acoplada uma sala de ex-votos, habitualmente designada de sala dos milagres, onde se guardam objetos oferecidos como promessa.

CAPELA DE N.ª SRA. DA ENCARNAÇÃO (CHAPEL) Buarcos

This hermitage has a room dedicated to ex-votos (i.e. votive offerings), usually called “miracles room” where the objects offered as promises are kept.

Neste excerto dedicado à Capela de Nossa Sra. Da Encarnação, a minha única dificuldade de tradução deveu-se à estranheza da expressão “*ex-votos*”. É uma expressão com a qual nunca tivera contacto, mas descobri que é muito usada nos meios religiosos e que diz respeito às oferendas feitas pelos fiéis a um santo, como forma de agradecimento de uma promessa. Em Portugal, os *ex-votos* mais conhecidos são, sem dúvida, os oferecidos pelos fiéis a Nossa Senhora de Fátima, no Santuário de Fátima.

Ex-Voto: Peça de cera, de plástico ou de madeira que representa uma parte do corpo humano, podendo ser também uma madeixa de cabelo, um quadro, uma placa ou outro objecto, que os crentes oferecem a Deus, a Nossa Senhora ou a algum santo e que depositam em lugar de culto ao cumprirem um voto ou uma promessa.¹⁵

Complementando a definição acima transcrita, *ex-voto* é uma expressão que tem origem no latim *ex voto suscepto* [do voto feito]. Se os *ex-votos* que representam partes do corpo humano servem como forma de agradecimento pela cura, há também pinturas que retratam um acidente ou uma doença e representam o Santo que ajudou o fiel.

Recorrendo à ajuda de familiares, nomeadamente os meus avós, fiquei a saber que “sala dos milagres” é uma sala bastante comum nas igrejas e que tem como objetivo guardar os objetos oferecidos pelos fiéis, como corroborado pelo texto. Como tal, o processo de tradução desta expressão foi muito mais célere e simples. Devido ao tipo de texto, e à tradução que fiz, não pude explicar mais detalhadamente no corpo do texto nem em notas de rodapé o significado da expressão em causa. Tentei, contudo, despertar o interesse e a curiosidade do turista para fazer mais tarde uma pesquisa, se assim o entendesse.

IGREJA DE S. PEDRO Buarcos

(...) No batistério, um altar em talha dourada do séc. XVII, no estilo barroco nacional, de colunas torças, proveniente da capela de N^a. Sr.^a da Nazaré, em Buarcos.

IGREJA DE S. PEDRO (CHURCH) Buarcos

¹⁵ Cf. Dicionário Online Priberam em <https://www.priberam.pt/dlpo/ex-voto>. Consultado no dia 10 de maio de 2017

(...) In the baptistery, there is a 17th century gilded wood altar, of Portuguese baroque style, with spiral columns that came from the Chapel of N. ^a Sra. da Nazaré in Buarcos.

A palavra “batistério” presente neste excerto dedicado à Igreja de S. Pedro de Buarcos foi a que se revelou mais problemática. O batistério é uma estrutura separada da estrutura central da igreja, ou não, e que acolhe no seu interior a pia batismal. São construções que, pelo seu esplendor arquitetónico, demonstram a importância que o batismo tem na Igreja Católica, e muitos deles seguem o modelo octogonal do Batistério de Latrão em Roma, Itália.

É também neste excerto que se encontra um dos poucos, se não mesmo o único, erro ortográfico e gramatical: “colunas torças”. Efetivamente, e após consultar várias fontes disponíveis *online*, a grafia correta da palavra é torsa, conforme se pode verificar ao consultar o Glossário de Termos de Arte e Arquitectura no site do Convento De Cristo de Tomar:¹⁶

- Coluna Torsa – coluna cujo fuste é torcido em espiral

A solução que encontrei como tradução foi “spiral columns”, que transmite sem qualquer tipo de ambiguidade o tipo de obra arquitetónica presente no batistério.

5.3.1.2 Mapa da Cidade (Património Arquitetónico)

CASA DO PAÇO Figueira da Foz

Construída entre 1690 e 1704, pelo Bispo-Conde de Coimbra, D. João de Melo, este edifício fazia parte do morgadio da Figueira. (...)

¹⁶ Cf. Glossário de Termos de Arte e Arquitectura em <http://www.conventocristo.pt/pt/index.php?s=white&pid=239>. Consultado no dia 11 de maio de 2017

(...) constituindo um dos mais importantes acervos de azulejaria holandesa existente no mundo, in situ, representando paisagens holandesas, cavaleiros e cenas bíblicas do Antigo e do Novo Testamento.

CASA DO PAÇO Figueira da Foz

Built between 1690 and 1704, by the Count-Bishop of Coimbra, D. João de Melo, this building was part of Figueira's Majorat established by his nephew Canon D. José de Melo e Mendonça, in 1735 (...).

(...) It's one of the most important collections of dutch tiles in the world, in-situ, representing dutch landscapes, knights, and biblical scenes from the New and Old Testament.

Apesar de não ter encontrado muitos problemas no TP, este excerto merece uma referência por ser, talvez, o texto gramaticalmente mais rico de todo o trabalho que desenvolvi. O vocabulário presente vai desde o religioso ao arquitetónico e até histórico. É também aqui que aparece um dos poucos arcaísmos presentes nos textos trabalhados, “Bispo-Conde”. Bispo-Conde era um título nobiliárquico português que estava associado ao cargo eclesiástico de Bispo de Coimbra. Conde advinha do facto de todos os Bispos de Coimbra, ao assumirem o cargo, ficarem também com o título de Conde de Arganil, título esse que foi instituído a 25 de setembro de 1472 por Carta do Rei D. Afonso V.

Encontrei a designação de “Prince-Bishop”, mas após uma breve leitura da história dos cargos eclesiásticos achei que a mesma não se adequava à história da igreja em Portugal, visto ser um título que está relacionado com as guerras e as invasões bárbaras, onde os bispos cristãos atuavam como comandantes de tropas. Apesar de o cargo eclesiástico de Bispo-Conde ser específico de Portugal, mais concretamente do distrito de Coimbra, a tradução que lhe atribuí em inglês não desvirtua em nada a sua congénere portuguesa.

De referir também a expressão “morgadio”, já pouco usada nos tempos modernos. Morgadio, ou Morgado, era uma forma de organização familiar que criaria uma linhagem, e é também um código que designa os sucessores, estatutos e

comportamentos dentro das famílias. As terras que fizessem parte do morgadio estavam vinculadas ao Morgado, aquele que geria o morgadio, e passavam de geração em geração para o filho primogénito. Este tipo de instituição foi adotado pelo Reino de Portugal em 1603, após as Ordenações Filipinas.

A expressão *in-situ* é das poucas expressões em Latim presentes nos textos em que trabalhei. Recorrendo mais uma vez ao *English Style Guide: A handbook for authors and translators in the European Commission* fiquei a saber que nem todas as expressões com origem no Latim precisam de ser italicizadas. É também convenção tentar sempre traduzir as expressões latinas para as suas congéneres da língua de chegada, mas neste caso, e devido ao tipo de texto que tinha em mãos, optei por a deixar na sua forma original, mas retirar o itálico. É uma expressão que é bastante parecida em inglês, *on-site*, e por isso o leitor não terá dificuldade em associar o significado na sua língua de chegada.

5.3.1.3 Mapa da Cidade (Património Militar)

FORTALEZA DE BUARCOS | FORTE DE S. PEDRO DE BUARCOS

(...): Baluarte da Conceição, Baluarte de S. Pedro e Baluarte da Nazaré. Um quarto baluarte, do Rosário, já muito adulterado, defendia a baía a Sul.

FORTALEZA DE BUARCOS | FORTE DE S. PEDRO DE BUARCOS (FORTRESS) Buarcos

(...) Bastion of Conceição, Bastion of S. Pedro and Bastion of Nazaré. A fourth bastion on the south, Bastion of Rosário, now highly deteriorated, defended the bay.

Neste excerto referente à Fortaleza de Buarcos e ao Forte de S. Pedro as palavras que, estranhamente, mais problemas me apresentaram na tradução foram “fortaleza” e “forte”. Numa primeira instância da tradução, e sem ter nenhum conhecimento sobre a arquitetura militar da época, fiz uma tradução literal de ambas as palavras.

As fortalezas eram construções militares com o propósito de defender os territórios em tempo de guerra, mas também serviam como forma de consolidação de poder em tempos de paz. Existem construções militares que têm a denominação de fortes, apesar de não serem fortificadas, e é o caso da Fortaleza de Buarcos: é uma simples muralha que rodeia a vila. Apesar da aparente existência de duas construções distintas, e após consulta da Base de Dados da Direção-Geral do Património Cultural¹⁷, fica-se a saber que Forte de S. Pedro é simplesmente uma outra designação para a Fortaleza. Como tal, e para não transmitir ao turista a informação de que iria encontrar duas construções militares distintas, e induzi-lo em erro, optei por traduzir Fortaleza e Forte numa só palavra.

A outra palavra que não fazia parte do meu vocabulário, e que também me trouxe algumas dúvidas foi a palavra “baluarte”. Os baluartes são pequenos fortes construídos onde as muralhas formam ângulo, ou seja, são pequenas torres, normalmente de formato pentagonal ou circular, que ficam situadas nas extremidades das muralhas. É um tipo de construção que data de meados do séc. XVI até meados do séc. XIX, era habitualmente construída de forma avançada em relação à estrutura principal, e servia para albergar peças de artilharia que serviam como armas de defesa. Como tal, e como existe equivalente em inglês, *bastion* ou *bastions*, foi a solução encontrada para a minha tradução.

FORTIM DE PALHEIROS Buarcos

Este fortim que fez parte do triângulo defensivo da enseada, desde a foz do Mondego até Buarcos, apresenta-se como uma bateria semi-circular, com 10 bocas-de-fogo e abertura na gola, com uma muralha de 2,5 m de espessura.

¹⁷ Cf. Direção-Geral do Património Cultural em: www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73660/. Consultado no dia 11 de maio de 2017

FORTIM DE PALHEIROS Buarcos

This small fort, which was part of the bay's triangular defensive system from the Mondego's river mouth to Buarcos, has a semi-circular shape with openings for 10 cannons, and a wall tear on the 2,5 m thick wall.

Este excerto foi, talvez, o que continha o vocabulário militar mais específico, e para mim desconhecido, de todo o meu trabalho: “bateria semicircular”, “bocas de fogo”, “abertura na gola”. Foi um dos excertos mais trabalhosos e que exigiu uma pesquisa bastante extensa, de forma a criar uma tradução final compreensível para o leitor.

Uma “bateria” é uma construção militar que dispõe de bocas de fogo numa fortificação. Pode ser coberta ou descoberta e era usada nas fortificações de defesa costeira, normalmente na defesa de portos ou rios. “Boca de fogo” é a abertura que normalmente vemos nas fortificações e que albergaria peças de artilharia que serviriam para abrir fogo sobre os invasores.

A expressão “abertura na gola” causou-me dificuldades acrescidas pois não consegui encontrar uma definição que se adequasse ao texto, e aqui recorri à lógica e aos meus, poucos, conhecimentos arquitetónicos e militares e à base de dados da DGPC.¹⁸ Imagine-se a bateria semi-circular acima mencionada, e a “abertura de gola” é simplesmente um rasgo na muralha, que servia como acesso ao interior da mesma.

A expressão “Fortim” faz referência a um forte, mas de dimensões muito mais pequenas em relação aos fortes militares normais. Na tradução quis transmitir isso mesmo e traduzi então para “small fort”, de forma a não induzir o leitor em erro.

¹⁸ Cf. Direção-Geral do Património Cultural em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73661/>. Consultado no dia 11 de maio de 2017

5.3.1.4 Mapa da Cidade (Património Arqueológico)

DÓLMEN DAS CARNIÇOSAS Serra das Alhadas

(...) sepultura coletiva de uma vasta necrópole que, no período neolítico, foi construído ao longo da cumeada da serra. É um monumento de tipo clássico, provido de câmara poligonal alargada e corredor, sendo composto por sete esteios sobrepostos à laje central, assente diretamente no substrato rochoso. (...)

DÓLMEN DAS CARNIÇOSAS (DOLMEN) Serra das Alhadas

(...) collective grave of a wide necropolis that was built along the mountains' ridge in the Neolithic period. It was a classical type monument, with a large polygonal chamber and a corridor, with seven mainstays overlapping the central slab that is laid above the rocky substrate. Due to poor maintenance conditions, the monument has since collapsed.

Este excerto é dos poucos que contém vocabulário relacionado com o património arqueológico do concelho da Figueira da Foz. Mais uma vez deparei-me com expressões que não faziam parte do meu vocabulário e inicialmente traduzi de forma errada. A segunda frase foi a que se revelou mais problemática pois contém vocabulário muito específico, e nela aparece também a primeira e única referência temporal errada.

De todas as pesquisas que fiz e documentos que consultei, o Dólmen das Carniçosas faz parte de um conjunto de vinte monumentos situados nas Serras da Boa Viagem e Brenha, mas as suas condições de manutenção são extremamente precárias. Este tipo de referência temporal errada é problemático pois, neste caso, o texto dá a crer que o monumento ainda se encontra no local e em perfeito estado de conservação, e tal não acontece. Como tal, e para corrigir esta lacuna, acrescentei à minha tradução “Due to poor maintenance conditions, the monument has since collapsed”, para transmitir ao leitor a informação de que o monumento já não existe por causa das condições de manutenção não existentes.

5.3.2 Texto Gastronómico

Para esta parte do meu trabalho recorri bastante a uma ferramenta que é vista no meio académico como sendo pouco rigorosa, a Wikipédia. A sua consulta era sempre feita em último caso, mas em grande parte deles foi uma ferramenta que revelou ter uma importância extraordinária para a realização das minhas traduções. As fontes mencionadas no final de cada artigo da Wikipédia revelam-se bastante úteis e indicam, em grande parte das vezes, outras fontes vistas como mais fidedignas. Muito do vocabulário e expressões presentes nestes textos tem um cariz muito popular e, em certas ocorrências, é um vocabulário arcaico para o qual não há equivalência. Algumas dessas expressões e palavras figurarão no Glossário presente em 5.4.

Os excertos que a seguir se apresentam fazem parte do livro *A nossa mesa: receituário gastronómico da Figueira da Foz*. Como o nome indica, é um livro dedicado à gastronomia local e tem como objetivo colmatar a falta de informação sobre as receitas típicas que não figuram no arquivo da Biblioteca Municipal, mas também dar a conhecer ao leitor as receitas típicas e um pouco da história gastronómica do concelho.

Nestas traduções, e devido ao tipo de texto e publicação em que o mesmo está inserido, usei bastantes vezes as notas de rodapé como forma de complementar a informação apresentada no corpo principal do texto. Muitas dessas notas de rodapé servem para complementar palavras para as quais não encontrei tradução, ou para as quais encontrei tradução, mas a mesma não se adequava. Muitas dessas palavras foram deixadas na sua forma original em português e italicizadas.

Não analisarei excertos de todos os capítulos, apesar de ter trabalhado em cada um deles, mas analisarei apenas aqueles que me trouxeram mais problemas durante o estágio. De forma a contextualizar o tipo de trabalho que realizei com estes excertos, demonstro, em seguida, a organização interna do livro:

I – Receituário Tradicional
Do mar
Do fiel amigo e dos amigos fiéis

Da gula
Das festividades

Do rio	II – Velhos produtos, novas
Do grão à farinha	receitas
Da capoeira e da caça	Arroz
Da matança	Bacalhau
Da merenda	Raia
Da mesa rica	Sal
Da mesa de todos os dias	Salicórnia
	Porco
	Conservas

5.3.2.1 A Intraduzibilidade Linguística e Cultural

Os excertos textuais que a seguir se analisam contêm algumas expressões e nomes tipicamente portugueses e também provérbios ou ditados populares. É por isso necessário dedicar algumas linhas de texto à definição de intraduzibilidade.

A intraduzibilidade é a propriedade de um texto ou expressão, numa determinada língua, para as quais não há equivalência noutra língua e o conceito foi definido por J. C. Catford. Catford distingue dois tipos de intraduzibilidade: linguística e cultural:

Untranslatability is a property of a text, or of any utterance in one language, for which no equivalent text or utterance can be found in another language. (...) the linguistic untranslatability is due to the differences in the source language and the target language, whereas culture untranslatability is due to the absence in the target language of relevant situational features. (Cui, 2012, p. 826)

Para os excertos que a seguir se analisam, os tipos de intraduzibilidade que nos interessam estão relacionados com a intraduzibilidade cultural e podem advir de vários fatores, entre eles a cultura tradicional, a cultura religiosa, e a cultura histórica de cada país.

Cui, no seu artigo “Untranslatability and the Method of Compensation” (Cui, 2012), faz menção a algumas técnicas de tradução, teorizadas por Vinay e Darbelnet (1995), passíveis de ser usadas para contrariar a intraduzibilidade.

Nas palavras de Vinay e Darbelnay acerca da adaptação: “With this (...) method we reach the extreme limit of translation (...)” (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 39). Este método de tradução é usado em casos onde não existe, na cultura de chegada, a referência ou situação que está a ser feita no texto de partida. É nestes casos que o tradutor tem de

tentar criar uma referência passível de ser entendida pelo leitor do texto de chegada, e Vinay e Darbelnet dão como exemplo o *cricket* e o *Tour de France*:

(...) the cultural connotation of a reference to the game of cricket in an English text might be best translated into French by a reference to the Tour de France (...)” (cf. Vinay & Darbelnet cit. em (Munday, 2008, p. 58).

O empréstimo surge como uma forma de superar uma lacuna na língua de chegada, normalmente de cariz metalinguístico. Este efeito é normalmente criado através do empréstimo de termos estrangeiros e Vinay e Darbelnet dão o seguinte exemplo para demonstrar o uso de um empréstimo:

For instance, in order to introduce the flavour of the SL culture into a translation, foreign terms may be used, e.g. such Russian words as ‘roubles’, ‘datchas’ and ‘aparatchik’, ‘dollars’ and ‘party’ from American English, Mexican Spanish food names ‘tequila’ and ‘tortillas’, and so on.” (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 32)

Por fim temos o decalque, ou seja, o empréstimo de uma expressão numa língua, que depois é traduzida literalmente para a língua de chegada e que tem um de dois resultados: o primeiro é a criação de um decalque lexical, ou seja, um decalque que respeita a estrutura sintática da língua de chegada; o segundo é a criação de um decalque estrutural, isto é, um decalque que introduz uma nova expressão e construção na linguagem de chegada (Vinay & Darbelnet, 1995, p. 32). Muitas das expressões criadas por decalque tornam-se parte integrante da linguagem após algum tempo, passando por uma mudança semântica e tornando-se em “falsos amigos”, palavras que parecem ou soam semelhantes, mas cujo significado é diferente.

5.3.2.2 *Do Mar*

(...) Porque a prosa cabe ao escritor, eis o discurso dos que amam este mar e os seus frutos: «Com o mexilhão, que se apega às penedias e rochas, fazem-se "espetadas". Coisa deliciosa. Abrem-se os mexilhões. Limpam-se. Enfiam-se em palitos. Passam-se por ovo e pão ralado. E fritam-se. É qualquer coisa de bom. Amêijoas, canivetes, berbigões, fazem arrozadas colossais. Ou até "abertos". Isto quer dizer: - põem-se numa panela, com leve pingo de água, loiro, pimenta e alho. Deixa-se ferver. Frade por mais guloso, não torceria a sua venta vermelha. Uma petisqueira de raia com molho de pitau, em Buarcos, é muito de aconselhar». (Pinto, Esteves, 1959).

(...) Because prose belongs to the writer, here is the discourse of those who love this sea and its bounty: “The mussels, which cling to the rocks and the stumps, become mussel skewer. What a delicious thing! The mussels are opened and cleaned, put on sticks, powdered with breadcrumbs and egg and fried. It's something out of this world! Clams, cockles and *canivetes*, make for colossal rice dishes. Or even "open" mussels: put them in a pot, with a droplet of water, bay leaf, pepper and let it boil. “*Frade por mais guloso, não torceria a sua venta vermelha.*” A stingray with *pitau* sauce in Buarcos is recommended. (Pinto, Esteves, 1959).

Numa primeira tradução, optei por manter o texto citado de Maurício Pinto e Raimundo Esteves em português, mas, mais adiante, optei por traduzi-lo, tentando manter o jogo de palavras. A obra literária da qual este excerto foi retirado, “Figueira Gastrónoma”, é uma obra de cariz popular e contém, como os excertos que traduzi, passagens sobre a história da cidade, e da história gastronómica do concelho. Como se pode ver, o tipo de linguagem usado é bastante informal e até de estilo popular. A intenção primária dos autores, foi a de jogar com as palavras e criar uma espécie de cantiga. Para a minha tradução, optei por tentar traduzir palavra a palavra, mas fazendo os acertos necessários, de forma a tornar a tradução legível e compreensível ao leitor do texto de chegada.

Em relação às palavras “canivete” e “pitau” optei por as deixar na sua forma original por duas razões: em primeiro lugar não encontrei, de todo, uma tradução para “canivete”. Só encontrei o seu nome científico, *Tagelus Gibbus* segundo a nomenclatura binomial. Em segundo lugar, como o tipo de texto que está a ser trabalhado não é um texto científico nem técnico, optei por deixar o nome em português, mas com a referência ao nome científico em nota de rodapé. Já em relação à palavra “pitau”, a mesma diz respeito a um molho tradicional do centro do país, muito usado em receitas do concelho da Figueira da Foz, que usa o colorau como um dos ingredientes principais. Mais uma vez, optei por manter a designação em português e acrescentar em nota de rodapé a respetiva explicação:

N.T: Typical sauce from the centre region of Portugal. Made with olive oil, vinegar, garlic, paprika, parsley, salt and pepper.

O ditado popular, neste caso “Frade por mais guloso, não torceria a sua venta vermelha”, é tipicamente usado em Portugal e é um dos exemplos de intraduzibilidade, neste caso de ordem cultural. No trabalho que realizei no estágio optei por manter a sua forma original pois não há equivalentes na língua inglesa, e mesmo se optasse por traduzir, iria desvirtuar totalmente a mensagem que se quer transmitir.

5.3.2.3 Do Fiel Amigo

A história da Figueira está ligada à história da *faina maior*. (...)

The history of Figueira is tightly connected with the history of the *Faina Maior*.

Na frase de abertura do excerto, deparamo-nos com a expressão “Faina maior”, que se refere às grandes viagens dos portugueses ao Atlântico Norte para a pesca do bacalhau, o famoso “fiel amigo” referenciado no título do capítulo ao qual este excerto pertence. É uma expressão tipicamente portuguesa e, mais uma vez, estamos perante uma intraduzibilidade cultural, neste caso relacionada com a cultura tradicional de Portugal. Poderia usar a estratégia da adaptação, ou seja, tentar encontrar na língua de chegada um equivalente cultural que substituísse a expressão “Faina maior”, mas optei por adicionar uma nota de rodapé contendo uma pequena explicação do que seria a “Faina maior”. Desta forma o leitor recebe a informação, a expressão não perde em nada o seu valor original e a legibilidade do texto não fica prejudicada.

Temos as fotografias dos *lugres*, imponentes e belos; imagens de homens robustos e valentes em pequenos *dóris*. (...)

We have the photographs of the luggers, imposing and beautiful; images of robust and brave men in small Banks dories.

Neste excerto temos a presença de dois tipos de embarcações usadas na pesca do bacalhau, e já raramente utilizadas nos dias que correm, os lugres e os dóris. O lugre

é um tipo de embarcação tradicional de pesca que era utilizado na costa de França, Inglaterra e Escócia. Era também usado pelos pescadores portugueses nas grandes viagens até aos territórios da Terra Nova e da Gronelândia para a pesca de bacalhau. Os lugres que atualmente existem foram transformados em navios museu ou em navios de instrução, dos quais o mais conhecido é o navio da Marinha de Guerra Portuguesa NRP Creoula. Foi originalmente um navio construído para a pesca do bacalhau, mas com o fim das campanhas de pesca, entre 1968 e 1975, foi transformado, numa primeira fase em navio-museu e, numa segunda fase, em navio de instrução para treino de mar.

Relativamente aos dóris, eram também um tipo de embarcação tradicional de pesca. Foram criados especificamente para a pesca nos grandes bancos de pesca da Terra Nova e da Gronelândia, e eram barcos pequenos e estreitos com um custo de produção muito baixo, o que propagou o seu uso na década de 1850.

5.3.2.4 Do Rio (*Enguias*)

É neste capítulo do livro que aparece o excerto que mais complicações me causou, tanto de pesquisa como de tradução.

Os barbos, ruivacos, seguns, tainhas e o peixe pimpão, também conhecido por peixe-dourado e que é da família das carpas.

The *ruivacos*, *seguns*, barbs, mullets, and goldfish, a type of fish that belongs to the carp family.

É uma frase que contém muitos nomes de peixes, em que muitos deles são espécies autóctones de Portugal, e, portanto, sem tradução para outras línguas. Confirmei isso mesmo com uma breve pesquisa na base de dados dos nomes comuns

FishBase¹⁹, o “peixe ruivaco”, ou “ruivaca”, assume o mesmo nome na língua inglesa. Quanto ao nome “seguns”, não consegui encontrar nenhuma referência na base de dados acima descrita, e tão pouco consegui entrar em contacto com alguém mais experiente que me pudesse explicar que tipo de peixe é este, para tentar adaptar a tradução.

O meixão, com um tamanho muito reduzido, é preparado com ovos pelas gentes de Maiorca, muito semelhante às pataniscas de bacalhau (...).

The elvers, young and transparent young eels, are prepared with eggs by the people of Maiorca, much like salted cod fish fritters (...)

Neste excerto a dificuldade surgiu na tradução das palavras “meixão” e “pataniscas de bacalhau”. O “meixão”, tipo de enguia-bebé cuja pesca é fortemente regulamentada²⁰ é uma iguaria muito apreciada, especialmente na zona centro do país. O seu equivalente em inglês seria *baby eels*, mas existe também a palavra *elvers*, mais formal e que se adequa à publicação na qual o excerto se insere. Quanto às “pataniscas de bacalhau”, petisco tão típico e apreciado em Portugal, optei por uma estratégia de adaptação à língua de chegada. A primeira tradução feita por mim foi *salt cod fish cakes*, mas a palavra *cakes* poderia induzir a ideia de um bolo, no sentido literal da palavra, e não de um pastel frito feito com bacalhau, e como tal optei então pela expressão *salted cod fish fritters*. *Fritter* é o nome dado a uma grande variedade de alimentos fritos guarnecidos no seu interior com carne, peixe, mariscos, vegetais ou até fruta. Visto ser uma iguaria tão tipicamente portuguesa, adicionei uma nota de tradutor fazendo menção às pataniscas de bacalhau e seus ingredientes.

¹⁹ Cf. FishBase Common names em <http://www.fishbase.org/search.php>. Consultado no dia 13 de maio de 2017

²⁰ Cf. Diário da República nº 132/2015, Edital nº 617/2015 em <https://dre.pt/application/file/69744174>. Consultado no dia 13 de maio de 2017

N. T.: Refers to *Pataniscas de Bacalhau*, a typical Portuguese dish made with cod, eggs, wheat flour and seasoned with salt, pepper and parsley.

5.3.2.5 Do Rio (*Lampreia*)

É neste excerto que aparece o caso que melhor ilustra a intraduzibilidade descrita na página 42. Neste caso estamos perante uma intraduzibilidade devido à diferença entre culturas, relativa às tradições culturais em Portugal.

Receita de lampreia

Tomarão a lampreia lavada com água quente e tirar-lhe-ão a tripa sobre uma tigela nova, porque caia o sangue nela, e enrolá-la-ão dentro naquela tigela e deitar-lhe-ão coentro e salsa e cebola muito miúda e deitar-lhe-ão ali um pouco de azeite e pô-la-ão coberta com um telhador; e como for muito bem afogada, deitar-lhe-ão cravo e pimenta e açafreão e um pouco de gengibre (Livro de cozinha da Infanta D. Maria, 1986, pp. 33-4)

Não havendo uma tradução consagrada do livro em questão, o “Livro de Cozinha da Infanta D. Maria”, podia ter eu mesmo feito a minha tradução e apresentá-la a quem me “encomendou” este trabalho. É, aliás, uma das funções dos tradutores tentar encontrar, na língua de chegada, palavras e expressões que tenham o mesmo valor linguístico da língua de partida.

O “Livro de Cozinha da Infanta D. Maria” é um livro escrito entre o final do século XV e início do século XVI e encontra-se atualmente à guarda da Biblioteca Nacional de Nápoles²¹. Segundo a paleografia, ciência que estuda manuscritos antigos e medievais²², é um livro com muitas incongruências linguísticas e cronológicas. Após efetuar pesquisas,²³ em *sites* dedicados a assuntos históricos e culturais de Portugal, e até

²¹ Cf. *Matriz Portuguesa* em http://www.matriz-portuguesa.pt/EXPO2015_INFANTA.php. Consultado no dia 14 de maio de 2017

²² Cf. E-Dicionário de Termos Literarios de Carlos Ceia em <http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6287/paleografia/>. Consultado no dia 16 de maio de 2017

²³ Cf. O Vocabulário do Livro de Cozinha da Infanta D. Maria em <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/18.htm>. Consultado no dia 14 de maio de 2017

repositórios de outras universidades, deparei-me com uma temática comum e confirmei o que a paleografia afirmava. É um livro que, devido ao período histórico em que foi escrito, está repleto de vocabulário e de um léxico muito específico da época, fazendo com que a sua tradução nos dias que correm seja praticamente impossível, nem mesmo recorrendo à adaptação ou a outra das técnicas mencionadas por Jingjing Cui (2012) no seu artigo.

Apesar de a receita acima transcrita não ter um vocabulário ou léxico muito arcaico e típico do período em questão, há certos jogos linguísticos que se perderiam com a tradução. Deixar o texto em português é também uma forma de mostrar aos leitores e às culturas a que eles pertencem um pouco da nossa história portuguesa, rica em vários aspetos que caíram em esquecimento na atualidade. Visto que esta tradução foi feita já no final do meu período de estágio e havia, neste caso em particular, um prazo imposto pelo cliente, não consegui acrescentar uma nota de rodapé que transpusesse a informação que pretendia transmitir ao leitor.

5.3.2.6 Do Grão à Farinha

O arroz carolino dos campos do Mondego veste tantas roupas quantas as que lhe queiram dar (...)

The carolino rice of the Mondego has as many varieties as one can imagine (...)

Neste excerto, as dificuldades que encontrei dizem respeito à tradução da personificação “veste tantas roupas”. É uma personificação que, quando traduzida à letra, soará estranha a um leitor que não esteja habituado a lidar com uma forma de escrita mais popular, tão típica deste tipo de texto. Apesar de a versão portuguesa estar escrita de forma informal, talvez com o objetivo de chegar a um público mais interessado pelas receitas presentes no livro e não sobre estes trechos que contam histórias típicas, a versão inglesa teve que ser adaptada de forma a abarcar um público-alvo mais vasto.

Cardoso Martha, no início dos anos 40 do século passado, refere-se igualmente ao Bolo das Alhadas, caracterizando-o como uma «espécie de aloirado folar (...)

Cardoso Martha, in the beginning of the 1940s, also refers to Bolo das Alhadas, characterizing it as a: “A kind of yellowish *folar* (...).

Este excerto na sua versão portuguesa é curioso por conter informação que me ajudou a chegar à tradução final. Menciona-se o Bolo das Alhadas e, logo a seguir, existe uma caracterização do mesmo, que quando traduzida para inglês mantém a equivalência semântica e a equivalência lexical. De referir também a palavra folar, outra das muitas intraduzibilidades culturais. O folar é um pão servido habitualmente na época da Páscoa e que, conforme a região do país onde nos encontrarmos, pode ser doce ou salgado. Mais uma vez recorri à nota de tradutor como forma de contextualizar o leitor:

N. T.: Traditional Portuguese bread served at Easter. Can be sweet or salty and is usually stuffed with pork or ham.

5.3.2.7 Da Capoeira e da Caça

Desde sempre, as famílias consumiam preferencialmente, o que produziam nas suas terras e as criações. Talvez por isso, o tema da matança encontre mais expressão no receituário do que a capoeira.

Families have always consumed, by choice, products from their own lands, and animals created by themselves. That is why, in this book, the subject of the domestic slaughter of the pig and recipes pertaining to pork are more common than recipes related to poultry.

Neste excerto optei por mudar a estrutura frásica e introduzir pequenas alterações na tradução, de forma a criar uma frase congruente. Em português a frase faz referência a um receituário, um conjunto de receitas para se usar na cozinha, e também

à matança do porco. Pode-se então partir do princípio de que o assunto que se está a tratar é o da matança do porco e receitas com a carne proveniente do porco, receitas essas que surgirão no capítulo seguinte do livro, dedicado precisamente à matança do porco. Tentei então fazer uma tradução que encadeasse este excerto com as receitas do capítulo seguinte. Menciona-se também a expressão “capoeira”, que podia ter traduzido literalmente por *poultry house*. No entanto, o significado no texto em português não é esse, é sim uma referência aos vários tipos de animais que habitam na capoeira e fazem parte do conjunto de animais que estão à disposição do agricultor, seja para criação ou para alimento.

Depois de uma leitura atenta, e já após entrega do trabalho final ao cliente, notei uma pequena gralha na tradução da palavra “criações”, a qual traduzi para “created” em vez de “raised”. São estes pequenos pormenores que podiam ser minimizados com a presença de um revisor, como se menciona na conclusão deste relatório. Apesar de não induzir o leitor final em erro, a correta tradução de um texto demonstra cuidado e atenção por parte de um tradutor, e como tal, assumo aqui o meu erro.

5.3.2.8 Da Matança

A matança do porco, além da sua particular relevância económica, pois aquelas carnes, enchidos e gorduras significavam o alimento capital para valer às famílias ao longo do ano, era, e continua a ser em diversas zonas do país, um pretexto para o convívio no seio familiar, da comunidade vizinha e dos amigos próximos. Repleta de rituais que se mantêm nas comunidades rurais, pese embora algumas práticas modernizadas e adaptadas ao quotidiano, é um dos acontecimentos com maior importância nos ciclos do calendário rural.

The domestic slaughter of the pig is important for economic and social reasons. On one hand, the meat, sausages and fat are what sustain families throughout the year. On the other hand, it is a reason for social interaction with neighbours and close friends. The rituals, adapted to modern practices, are more commonly

performed in rural areas, and they are one of the most important events in the yearly cycles of those communities.

Este excerto, retirado do capítulo dedicado à matança do porco, origina dificuldades devido aos problemas de pontuação e de construção frásica. Como se pode ver no exemplo em português, a informação está de tal forma confusa que rapidamente o leitor perde o fio condutor na sua leitura. Na tradução que fiz tentei compartimentar a informação para que a leitura fosse feita de uma forma mais natural. Comecei por mencionar a matança do porco e a sua importância económica e social. Contextualizei o porquê de ambas serem importantes e, finalizei com uma explicação de como se pratica a matança do porco nas regiões rurais de Portugal.

A mistura da informação no texto em português faz com que a mesma não seja prontamente decodificada, atrasando, assim, o trabalho do tradutor. Temos primeiro que reescrever a frase da forma mais congruente possível, para se entender o que o emissor quer transmitir, e só depois traduzir da forma mais acertada possível. O uso incorreto de pontuação é bastante evidente a partir deste capítulo, e esses mesmos problemas vão afetar alguns dos excertos que a seguir se mencionam.

5.3.2.9 Da Merenda

Na abertura do capítulo dos aperitivos e das merendas tradicionais do livro editado pelo município figueirense em 1973, referiam os autores que «desde todos os tempos, principalmente na abertura dos vinhos novos e nas festas: Senhor dos Aflitos, na Murtinheira; São Martinho; Santo Amaro das Amoreiras, nas Alhadas; Quinta-Feira da Espiga, em Vila Verde; Dia da Merenda Grande, em maio, em Santo Amaro, na Serra da Boa Viagem; etc. sempre houve aperitivos e merendas»

The authors of the book “Figueira da Foz – Cozinha Regional” state, in the chapter dedicated to appetizers and traditional snacks, that: “ever since the beginning, especially in the wine season and popular festivities, snacks have always existed:

São Martinho, Senhor dos Aflitos in Murtinheira, Santo Amaro das Amoreiras in Alhadas, Quinta da Espiga in Vila Verde, Dia da Grande Merenda, in May, in Santo Amaro, in the Serra da Boa Viagem, etc”

Há o uso excessivo de ponto e vírgula, quebrando o ritmo de leitura, quando o uso de vírgula seria suficiente. Dessa forma não se perderia o ritmo da leitura e a sonoridade dos nomes tão típicos das festas e romarias portuguesas. Os nomes não foram traduzidos propositadamente, pois fazem menção a festividades típicas do interior do concelho. São festividades que não são muito conhecidas fora do território a que estão circunscritas, e, portanto, não há um equivalente noutras línguas, nem recorrendo às habituais técnicas da tradução elencadas por Vinay & Darbelnet (1995), adaptação, empréstimo e decalque. Essa é aliás uma característica da publicação em que estes excertos se inserem, a presença de vocabulário específico da região centro do país, cujos equivalentes são praticamente inexistentes fora do concelho.

5.3.2.10 Da Gula

O excerto que a seguir se apresenta é o que contém o maior número de nomes de doces e sobremesas típicas do concelho da Figueira da Foz.

Nos idos anos quarenta do século passado, o escritor, poeta, professor e incontestável gastrónomo, Cardoso Martha, refere-se à doçaria figueirense como «escassa», mas ainda assim de qualidade. Lembra as argolas folhadas, «delícia dos que amam os doces secos, de farinha amassados com leite, e encapados de açúcar», da famosa Rosária, doceira com casa comercial junto ao Paço e não deixa por mãos alheias os bons créditos atribuídos às brisas e aos pastéis da Figueira, à data vendidos na pastelaria Santos e na Estrêla de Ouro. O bolo das Alhadas, as papas de moado e as tôrtas do Natal são as restantes gulodices enunciadas pelo gastrónomo.

In the decade of 1940, the writer, poet, professor and undisputed gourmet Cardoso Martha classifies the traditional confectionery of Figueira da Foz as “scarce but of high quality”: *argolas folhadas* from the *Rosária* bakery, next to *Casa do Paço*; *Brisas da Figueira* from the *Santos* and *Estrêla de Ouro* bakeries; and last, but not least, the christmas pies, *bolo das Alhadas* and *papas de modo* are also mentioned.

Para uma correta tradução dos nomes dos doces e das sobremesas entrei em contacto com a Pastelaria Dionísio, uma das mais reconhecidas da cidade e que comercializa grande parte dos doces típicos do concelho. Contactei também uma antiga colaboradora da Divisão de Cultura da CMFF, mas ambos os contactos se revelaram infrutíferos, pois não recebi informação passível de me ajudar na tradução. Em último caso recorri então a fontes disponíveis na internet²⁴ e tentei depois adaptar o texto para a língua de chegada. Neste excerto é também onde há a maior ocorrência de notas de tradução, porque nem sempre essa adaptação era possível:

N.T.: Local and traditional ring-shaped pastry.

N.T.: Traditional pastry, originally created on local Monasteries, made from eggs, sugar and almond flour.

N.T.: Traditional Portuguese bread served at Easter. Can be sweet or salty and is usually stuffed with pork and ham.

N.T.: Local traditional dessert made with pine nuts, walnuts, almonds and pig’s blood

Como já mencionado anteriormente, o tipo de publicação em questão deu-me uma certa liberdade para recorrer às notas de tradução. Apesar de não ser o método ideal para efetuar uma tradução, não consegui encontrar outra forma de transmitir ao

²⁴ Cf. *Produtos Tradicionais Portugueses – Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural em* <https://tradicional.dgadr.pt/pt/pesquisa?searchword=figueira%20da%20foz&ordering=newest&searchphrase=all&limit=20>. Consultado no dia 14 de maio de 2017

leitor a especificidade e o significado dos nomes em questão. São doces e sobremesas circunscritos ao território do concelho, sendo praticamente desconhecidos no resto do país. Foi também uma forma de preservar a cultura gastronómica do concelho da Figueira da Foz e despertar o interesse do leitor para um eventual consumo destas iguarias tão únicas e tradicionais.

5.4 Glossário

O Glossário que a seguir se apresenta contém algumas palavras em português que não são muito conhecidas da população em geral, e foram as que me causaram mais dificuldades. O glossário apresenta-se em português como forma de dar a conhecer essas mesmas palavras ao leitor deste relatório. Todas as definições presentes nesta tabela foram retiradas do dicionário *online* Priberam e do Grande Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora. Recorri também à ajuda dos meus colegas do Gabinete de Turismo e a pessoas por eles recomendadas, habitantes da cidade que me pudessem ajudar. São expressões tipicamente portuguesas, algumas já pouco usadas nos dias que correm.

Cambo(s)	Pau ou peça comprida
Bolo das Alhadas	Bolo local tradicional, semelhante ao folar
Folar	Pão da Páscoa, feito a partir de água, ovos e farinha
Papas de Moadó	Sobremesa tradicional do concelho da Figueira da Foz, feita com pinhões, noz, amêndoas, e sangue de porco

Argolas, Penhascos, Brisas da Figueira, Pasteis da Figueira, Fatias Celestes	Doces tradicionais do concelho da Figueira da Foz, maioritariamente feitos a partir de ovo
Arroba	Antiga unidade de peso usada em Portugal. Uma arroba equivale a cerca de 15 kg
Real	Unidade monetária de Portugal entre 1430 até 1911
Cruzados	Moeda portuguesa em circulação no território entre os séculos XVI e XIX
Línguas e Caras de Bacalhau	Partes do bacalhau usadas em receitas típicas
Sames (ou Samos)	Bexiga do bacalhau usada em receitas típicas, especialmente na Feijoada de Sames (ou Samos)

Conclusão

Após o término do meu estágio posso afirmar, com toda a certeza, que foi uma experiência enriquecedora, quer a nível pessoal, quer a nível profissional. Foi a primeira experiência de trabalho na área da tradução e só posso considerar que me proporcionou elementos e faculdades que me permitirão evoluir como ser humano e como profissional da área de tradução.

O tradutor é visto, cada vez mais, como alguém dispensável, devido ao aparecimento de novas tecnologias que facilitam o acesso do público em geral à tradução. Somos vistos quase como estranhos quando nos apresentamos como estudantes de Humanidades, de Linguística ou de Tradução. “Qualquer pessoa faz tradução,” dirão uns, outros talvez digam que “Quando quero algo traduzido vou ao Google Translate e depois faço umas modificações”. Não esqueçamos também a sempre clássica “Traduzir é só meter as palavras em Inglês, isso é fácil.”

Bem sabemos que não é assim, há regras e convenções que têm que ser seguidas. Há todo um caminho a percorrer para chegar ao patamar último desta área que escolhemos. É uma área que tanto é recompensadora como exigente e frustrante. É recompensadora na medida em que estamos em contacto com várias áreas diferentes, note-se por exemplo as áreas para as quais fiz pesquisa durante o meu estágio, desde a Arqueologia, à História, Arquitetura, Gastronomia, Biologia. É exigente e frustrante na medida em que o facto de se trabalhar com traduções que englobam áreas tão distintas faz com divaguemos e percamos horas ou até dias até encontrarmos aquela informação que vai “desbloquear” o resto da tradução. A solidão pode também ser, para alguns tradutores, um ponto negativo.

Relativamente à entidade onde estagiei, o Gabinete de Turismo da Câmara Municipal da Figueira da Foz, só tenho a agradecer a forma como fui inserido e recebido naquele meio por todos os colegas. Desenvolvi e experienciei em primeira mão um tipo de relação profissional que nunca tinha tido anteriormente. Serviu também para ter a experiência de como funciona um organismo público, em que todas as pessoas contribuem para o bom rumo desses mesmos organismos.

Há também o lado negativo da experiência, e esse está na forma como o Gabinete de Turismo percebe a área da tradução. Nenhum dos colegas com quem contactei ao longo dos três meses de estágio tem formação na área da tradução, e, como tal, não tinha ninguém próximo a quem me pudesse dirigir para esclarecer as dúvidas que me foram surgindo. Isso atrasou o meu ritmo de trabalho, interrompido vezes sem conta, para fazer uma ou outra pesquisa de forma a colmatar a minha falta de conhecimento na área com que estava a trabalhar na altura.

O ideal seria a contratação de um funcionário cuja área de formação fosse a da Tradução, mas tal não é possível por várias razões. Em primeiro lugar, as poucas traduções que são necessárias são entregues a empresas exteriores ao município. Em segundo lugar, e uma vez que o tradutor é visto como alguém dispensável e cujo trabalho é feito por alguém que percebe um pouco de línguas, ter um funcionário a dedicar-se exclusivamente a fazer traduções não traria o retorno económico esperado.

Outra ideia seria talvez a de conceder formação básica aos funcionários do Gabinete de Turismo, visto que é um gabinete que lida com turistas e com a informação turística. Apesar de tudo isto, e de ter sido bem-recebido, fiquei com a ideia de que há alguma necessidade de maior preparação para acolher, no futuro, estagiários, seja da área da tradução, do turismo, ou de qualquer outra área.

Em relação às condições de trabalho do Gabinete de Turismo, não tenho nada a apontar. Não fiquei instalado no Gabinete de Turismo por falta de espaço, mas fiquei instalado, sozinho, num gabinete vago, o que até foi a solução ideal. Estando sozinho não houve o burburinho tão característico dos serviços públicos e isso ajudou a que me concentrasse mais na tradução e menos no que se passava à minha volta. Quanto ao uso do computador, usei o meu computador pessoal e isso também foi a solução ideal, visto que é nele que tenho o memoQ e outros programas que me auxiliaram nas tarefas de tradução. A ligação à internet esteve sempre funcional e isso contribuiu também para a agilização e celeridade do processo de tradução.

Relativamente ao trabalho que desenvolvi nos três meses de estágio, penso que poderia ter sido feito de outra forma. Foi sem dúvida alguma uma experiência que mudou a minha forma de trabalhar e de pensar, especialmente na área do turismo.

Associado ao fator do desconhecimento da área da tradução, todas as traduções que me foram propostas não vieram acompanhadas da respetiva encomenda de tradução, e muito menos foram alvo de uma revisão final.

Se é verdade que o tradutor tem de possuir conhecimentos linguísticos e culturais das suas línguas de trabalho, a entidade que requisita a tradução tem também que contribuir para o sucesso dessa mesma tradução. Não obstante, usei as minhas capacidades ao máximo e tentei produzir uma tradução que respeitasse as funções primordiais do texto turístico: informar e atrair os turistas.

Ainda sobre o tema de não ter tido um revisor, foi esta a questão que mais atrasou o meu trabalho. Dei por mim a ler e reler os textos vezes sem fim à procura de algo passível de ser assinalado como erro. Apesar de o processo de revisão ser inerente à função do tradutor, ter outra pessoa a rever o trabalho efetuado por nós é uma mais-valia. Em primeiro lugar, o revisor é, preferencialmente, um nativo da língua de chegada e por isso possui conhecimentos culturais, linguísticos e gramaticais que o tradutor não possui. O conhecimento cultural de um revisor é também bastante importante, pois tendo um *background* relativo à língua de chegada, optará pelas escolhas mais acertadas de forma a que a tradução fique o mais adequada possível. Em segundo lugar, o tradutor, como está a rever um trabalho que foi feito por si, imaginará sempre que não haverá erros ou incongruências textuais e por isso a tradução parecerá perfeita.

Relativamente ao papel da Academia em todo este processo, é irrepreensível. Senti-me, durante todo o tempo em que frequentei o Mestrado em Tradução, apoiado pela instituição e pelos próprios docentes. Há uma clara preocupação dos docentes em fomentar uma relação profissional saudável e que ultrapasse as quatro paredes das salas de aula. O programa curricular é diverso e cobre todas as áreas que, eventualmente, encontremos no futuro. O único ponto negativo que tenho a apontar será talvez a burocracia que é necessária para dar início a todo o processo de frequência de estágio, da entrega do próprio relatório e da defesa. Apesar de ser possível entregar, este ano, dissertações e similares através da plataforma informática da Universidade de Coimbra, o InforEstudante, há ainda espaço, no futuro, para agilizar e facilitar os processos acima descritos.

Por fim, penso que ainda há um longo caminho a percorrer pelos organismos que acolhem tradutores estagiários. Deveria haver um processo de seleção mais rigoroso, feito pela Universidade, de forma a perceber se os organismos cumprem os requisitos necessários, se é que eles existem. Entendo que tal não possa ser feito devido à logística que envolveria avaliar todas as empresas que assinaram acordos de colaboração com a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, mas é uma ideia a considerar para o futuro. Com tudo isto, a realização do estágio e a redação deste relatório superou as minhas expectativas e contribuiu para melhorar as minhas capacidades pessoais e profissionais.

Bibliografia

- Baker, M. (2011). *In Other Words: A coursebook on translation* (Second ed.). Abingdon: Routledge.
- Baker, M., & Saldanha, G. (2009). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Abingdon: Routledge.
- Catford, J. C. (1965). *A Linguistic Theory of Translation*. Oxford: Oxford University Press.
- Cronin, M. (2003). *Translation and Globalization*. Abingdon: Routledge.
- Cui, J. (Abril de 2012). Untranslatability and the Method of Compensation. *Theory and Practice in Language Studies*, pp. 826-830.
- Grosman, M. (2009). *Translation into Non-mother Tongues in Professional Practice and Training*. Stauffenburg.
- Hatim, B., & Mason, I. (1997). *The Translator as Communicator*. London: Routledge.
- Kelly, D. (2003). *La direccionalidad en traducción e interpretación: perspectivas teóricas*. Granada: Editorial Atrio.
- Kussmaul, P. (1995). *Training the Translator*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Lonsdale, A. B. (1996). La Traducción Inversa. Em A. A. Hurtado, *La Enseñanza de La Traducción* (pp. 57-79). Castellón de la Plana: Universitat Jaume I.
- Lonsdale, A. B. (2001). Direction of Translation (directionality). In M. Baker, *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (pp. 63-67). London & New York: Routledge.
- Marques, F. M. (2014). *A Tradutora, a língua inglesa, a projecção do mundo académico: A Love Story (?)*. Relatório de Estágio de Mestrado, Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra.
- Mekis, Z. (2008). Die Problematik der Definition der Fachsprache des Tourismus. (R. Rosenberger, Trad.) Obtido em 20 de Maio de 2017, de http://elib.kkf.hu/okt_publ/szf_25_07.pdf
- Munday, J. (2008). *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. Abingdon: Routledge.
- Newmark, P. (1981). *Approaches to Translation*. Oxford: Pergamon Press.
- Newmark, P. (1988). *A Textbook of Translation*. Londres: Prentice-Hall International.

- Nord, C. (1997). *Translating as a Purposeful Activity - Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Parrolas, M., & Cândido, G. (2015). *A nossa mesa: receituário gastronómico da Figueira da Foz*. Figueira da Foz: Divisão de Cultura da Câmara Municipal da Figueira da Foz.
- Picken, C. (1989). *The Translator's Handbook*. London: Aslib.
- Reiss, K., & Vermeer, H. J. (2014). *Towards a General Theory of Translational Action*. Abingdon: Routledge.
- Schäeffner, C. (2001). Skopos Theory. Em *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (pp. 117-121). London & New York: Routledge.
- Schleiermacher, F. (2003). *Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir*. (J. M. Justo, Trad.) Porto: Porto Editora.
- Skibitska, O. (2015). *Translation Journal*. Obtido em 15 de maio de 2017 de Translation Journal: <http://www.translationjournal.net/October-2015/the-language-of-tourism-translating-terms-in-tourist-texts.html>
- Trainor, M. M. (2004). Traducción Inversa: Una realidad. *TRANS: Revista de Traductología*, Nº 8, pp. 53-60.
- Venuti, L. (1995). *The Translator's Invisibility*. Abingdon: Routledge.
- Vinay, J.-P., & Darbelnet, J. (1995). *Comparative Stylistics of French and English*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Wimmer, S. (2011). *El Proceso de Traducción Especializada Inversa: Modelo, Validación Empírica y Aplicación Didáctica*. Universitat Autònoma de Barcelona: Belaterra: Department d'Educació i Universitats de la Generalitat de Catalunya i del Fons Social Europeu.

Outros Recursos

- European Commission. (2017). Obtido em 11 de maio de 2017 de European Commission Directorate-General for Translation: https://ec.europa.eu/info/sites/info/files/styleguide_english_dgt_en.pdf
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. (2017). Obtido em 10 de maio de 2017 de Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: <https://www.priberam.pt/dlpo/>
- Direção-Geral do Património Cultural*. (2017). Obtido em 11 de maio de 2017 de Direção-Geral do Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>
- E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia*. (2017). Obtido em 16 de maio de 2017 de E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia: <http://edtl.fcsh.unl.pt/>
- Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. (2010). Porto: Porto Editora.
- Instituto Nacional de Estatística*. (2017). Obtido em 15 de maio de 2017 de Instituto Nacional de Estatística: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE&xlang=pt
- Longman Dictionary of Contemporary English*. (2012). Harlow: Pearson Education Limited.
- Merriam Webster Online Dictionary*. (2017). Obtido em 8 de maio de 2017 de Merriam Webster Online Dictionary: <https://www.merriam-webster.com/>
- Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*. (2017). Obtido em 11 de maio de 2017 de Sistema de Informação para o Património Arquitectónico: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx
- Turismo Centro Portugal*. (2017). Obtido em 15 de maio de 2017 de Turismo Centro Portugal: <http://turismodocentro.pt/>
- Turismo de Portugal*. (2017). Obtido em 15 de maio de 2017 de Turismo de Portugal: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/Pages/Homepage.aspx>
- UK Metrics Association*. (2017). Obtido em 11 de maio de 2017 de Measurement Units Style Guide: <http://ukma.org.uk/docs/ukma-style-guide.pdf>